



# O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 20

MAIO - JUNHO DE 1954

Nº. 3







## O Privilégio da Oração

O PRIVILÉGIO da oração representa para mim uma das mais acariciadas posses, porque tanto a fé como a experiência me convencem de que o próprio Deus vê e responde, e eu nunca ousou criticar-Lhe as respostas. A mim só me compete pedir, a Ele, inteiramente, o car ou reter, segundo sabe ser o melhor. Caso ocorresse de modo diverso, eu não ousaria de maneira alguma orar. Na quietude do lar, na azáfama de luta pela vida, em face da morte, inestimável é o privilégio de falar com Deus. Eu o valorizo mais porque não exige nada do que o homem transitório, embora louco, não possa dar, o que é a mais simples manifestação do seu desejo mais simples. Mesmo quando não me é possível ver, ouvir, nem falar, eu ainda oro para que Deus ouça. Ao passar eu, por fim, pelo vale da sombra da morte, espero atravessá-lo conversando com Ele. — W. T. Greenfell.

## O Ministério do Lar

É VERDADE que o fiel ministro de Deus é o homem mais ocupado do mundo. Sente sobre si o peso das almas confiadas ao seu cuidado. Tem consciência de sua responsabilidade para com os milhares que não conhecem o Senhor, e de quem é "devedor" de dar a conhecer o plano da salvação.

Além disso, em meio dessa pesada tarefa, tem que abençoar as crianças, dirigir palavras de consólo aos tristes e desanimados, aconselhar as famílias que têm desavenças, encaminhar os jovens pela senda do bem e infundir esperança nos que, diante duma sepultura, se despedem dum ente amado. Sim, essas atividades absorvem quase todo o tempo do ministro; sem que constituam um motivo para o descuido do calor e companheirismo do seu próprio lar.

A fiel esposa dum abnegado ministro exclamou, certa ocasião: "Meu esposo não mais se interessa por mim. Vive somente para a obra, e quando volta, à noite, para casa, põe-se a ler e estudar, e incomoda-se se lhe dirijo a palavra. Não sei se ainda me ama ou não".

Nenhum ministro de Deus poderá exercer influência alguma sobre os lares de seus paroquianos, a menos que ele próprio, experimente dia a dia a saudável influência dum lar bem

constituído e feliz. Por ocupado que esteja, deve dedicar, embora não seja mais do que uma noite por semana, inteiramente à esposa e aos filhos. Deve fazer sentir aos seus que se interessa pela sua felicidade e, abaixo de Deus, ama-os sobre todas as coisas.

Ouç a esposa, de seus lábios, palavras de aprêço pela roupa limpa, o alimento são e nutritivo, e pela sua habilidade de transformar a casa no recanto mais agradável do mundo. Essas palavras constituem o melhor remédio para a esposa cansada da rotina doméstica; contribuem para mantê-la animada e bem disposta, e até para prolongar-lhe a vida.

Por outro lado, toda esposa gosta de ser consultada nos planos para a casa; seja ela admitida como participante dos problemas de interesse mútuo; e tenham-se em conta os seus ideais, ao elaborar o casal, juntos, uma sã filosofia de vida.

A fim de fortalecer ainda mais os vínculos do lar, convém que os cônjuges tenham um "passatempo" comum que os una mental e espiritualmente, ao mesmo tempo que lhes sirva de distração.

Diz a serva do Senhor que um lar feliz é uma antecipação dos gozos que esperamos desfrutar no reino de Deus. Queridos ministros; Embora estejais ocupados, não descuideis o que vos deve ser mais caro que qualquer outra coisa — o conchêgo do vosso lar. — W. S.

### O Amor, Maior do que a Eloquência

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. — I Cor. 13:1.*

ESTE capítulo do amor talvez seja o maior e mais nobre de quantos escritos Paulo tenha produzido, pois os seus ideais são tão elevados, tão excelente e pura a sua atmosfera, que tudo quanto nêle se contém dir-se-ia estar fora do alcance humano.

No capítulo doze, falou o apóstolo dos dons do Espírito, e êle volta a êsse assunto no capítulo catorze, mas no décimo-terceiro expõe o espírito e a maneira em que êsses devem ser exercidos. Poderá alguém possuir certos dons do Espírito ou, mesmo todos, mas inspiradamente Paulo declara haver "um caminho ainda mais excelente".

O amor é maior do que a oratória ou a pregação, e quem isso desconhece, não passa dum sino que tine. Evidentemente Paulo tinha pouco respeito pelos que professavam a fé, especialmente as pessoas eloquentes, que não podem confirmar as suas palavras com o caráter.

Essa espécie de amor, porém, é a que valoriza o objeto amado; é princípio e não emoção, e só é possível nos regenerados. É a espécie de amor que Deus tem aos pecadores; não se agrada deles nem do seu procedimento, mas nêles reconhece algum valor. Esta espécie de amor, diferente do amor humano, pode ser controlada, e daí o requisito de amar os inimigos, não por um afeto emocional mas por um princípio dominante na vida. — Gerald H. Minchin.



# ILUSTRAÇÕES

Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia  
Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Luiz Waldvogel  
Redator associado — Rafael de A. Butler  
Colaboradores especiais  
Walter E. Murray, Walter Schubert

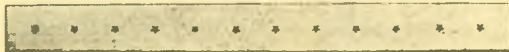
**NOSSA CAPA**  
Vista panorâmica do Colégio Adventista  
Brasileiro,  
Sto. Amaro, São Paulo.



ANO 20 Nº. 3

## CONTEÚDO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO . . . . .	2
ILUSTRAÇÕES	
<i>Convertido pela Palavra</i> . . . . .	3
<i>A Âncora da Esperança</i> . . . . .	3
<i>Fugindo do Pecado</i> . . . . .	3
<i>Influem os Fundamentos?</i> . . . . .	3
ARTIGOS GERAIS	
<i>Os Descobrimentos Modernos Confirmam a</i> <i>Bíblia (Parte III)</i> . . . . .	4
EVANGELISMO	
<i>A Ciência de Ganhar Almas</i> . . . . .	10
<i>A Inquietação</i> . . . . .	11
<i>Características dos Temas Introdutórios a</i> <i>uma Série de Conferências</i> . . . . .	12
<i>Fume com Risco Próprio</i> . . . . .	14
OBRA PASTORAL	
<i>O Trabalho do Chefe Distrital</i> . . . . .	15
ESTUDOS BÍBLICOS	
<i>O Preparo e a Apresentação de Um Estudo</i> <i>Bíblico</i> . . . . .	18
<i>Textos Esclarecedores</i> . . . . .	19
CAIXA DE PERGUNTAS . . . . .	20
NOTAS E NOTÍCIAS . . . . .	21



**CONVERTIDO PELA PALAVRA** — Aconteceu, por sorte, chegar às mãos de um argentino, um exemplar do Novo Testamento. Lendo-o, converteu-se em ativo conquistador de outros para Cristo. Um desses amigos foi mais tarde levado a um hospital e, durante a convalescência, estudava com grande interesse o seu Testamento, quando êste lhe foi repentinamente arrebatado das mãos por outro paciente de espírito clerical, e atirado fora pela janela. Na queda, atingiu no ombro um soldado que passava. Apanhou-o êle do chão e começou a lê-lo, interessando-se. Levou-o para casa e, afinal, como consequência, tornou-se um cristão prestimoso. — *Miss. Review of the World.*

**A ANCORA DA ESPERANÇA** — O Dr. Campbell conta a história de um homem cuja loja se incendiou em Chicago. Chegou êle às ruínas, na manhã seguinte, carregando uma mesa. Pô-la entre os escombros encarvoados e por sobre ela fixou o seguinte cartaz: "Perda total, exceto da esposa, dos filhos e da esperança. O negócio reabrir-se-á amanhã, na forma do costume".

Assim é o regozijo do cristão; eleva-se acima das circunstâncias desfavoráveis; tem a sua fonte no próprio Deus.

**FUGINDO DO PECADO** — Uma menina, no tempo em que a conversão das crianças não era motivo de tanta oração como agora, pediu para ser aceita como membro da igreja batista.

— Você era pecadora antes da transformação de que agora fala? perguntou-lhe um idoso diácono.

— Sim, senhor, foi a resposta.

— E agora, é ainda pecadora?

— Sim, senhor, sinto que sou maior pecadora que nunca.

— Então, que transformação se operou em você?

— Não sei explicar exatamente — disse ela — mas eu costumava ser uma pecadora que corria atrás do pecado, e agora, me parece, sou uma pecadora que foge do pecado.

Eles a aceitaram e, por muitos anos, foi ela uma luz brilhante e irradiante, e está agora onde não mais existe pecado de que fugir.

A. B. WEBBER.

**INFLUEM OS FUNDAMENTOS?** — S. Mat. 7: 25. — Carsbad, a mais famosa cidade balnearia da Europa, está construída sobre uma crosta terrestre, que repousa sobre um lago subterrâneo de água fervente. Por isso há, ali, serviço especial encarregado de fiscalizar a pressão das águas termais, pois se os vapores da ebulição não tiverem suficiente escapamento, a cidade poderá ser destruída por uma erupção.



# ARTIGOS GERAIS

## Os Descobrimentos Modernos Confirmam a Bíblia

SIEGFRIED H. HORN

(Professor de Arqueologia e História da Antigüidade, do Seminário Teológico A. S. D.)

### PARTE III

**D**URANTE muitos séculos creram os cristãos na inspiração das Escrituras Sagradas. Teólogos questionaram quanto à natureza de Cristo, à significação de certos passos, e se os reclamos divinos apresentados no Velho e Novo Testamentos ainda eram obrigatórios sob condições e circunstâncias variáveis. A igreja popular da Idade Média, quase substituiu a Bíblia por outros livros e tradições, mas nunca ousou descrever de sua inspiração ou veracidade. A Reforma, por outro lado, voltou-se para a Bíblia como base de seus ensinamentos e doutrinas. Os próprios reformadores eram grandes estudiosos e tradutores da Bíblia, promovendo fervorosamente larga distribuição das Escrituras, e sobre a Palavra de Deus edificaram as igrejas protestantes.

Tôda essa atitude para com a Bíblia sofreu alteração durante a última parte do século dezoito e durante o século dezanove. Começou uma época de racionalismo e de argumentação, e o homem procurou achar provas para tudo quanto fôra considerado verdade. O povo não estava mais satisfeito com as crenças tradicionais. Um espírito de inquirição e pesquisa do desconhecido levaram a maravilhosos descobrimentos e invenções. Regiões desconhecidas do globo foram exploradas, encontrados novos meios de transporte, e descobertas muitas leis da natureza. O homem também se tornou perseguidor quanto ao passado e procurou reconstituir a história antiga. Teólogos habituados a esse modo de pensar aplicaram o mesmo método de raciocínio à história bíblica desejando saber se as crenças de seus antepassados suportariam a prova da argumentação e pesquisa. Sendo que muito pouco da história bíblica podia ser provado pelos documentos antigos em mãos. Doutos inclinados à crítica começaram a duvidar da veracidade dos relatos bíblicos, e a considerá-los lendas antigas, mitos e folclore.

Levados por esse desejo íntimo de pesquisar o passado, os homens foram aos países do Mediterrâneo, onde floresceu a maior parte das civilizações antigas, e escavaram ruínas de cidades cobertas durante séculos, de areia e calça. Encontraram os vestígios de culturas há muito esquecidas, arquivos de palácios reais, edifícios públicos e templos; decifraram escritas desconhecidas, e recompuseram línguas mortas. Os tesouros arqueológicos e literários encontrados durante os últimos cem anos nos montes de pó da Mesopotâmia, Egito, Síria e Palestina contém valiosa informação, que nos capacita hoje a reconstituir muito da história das nações em cujo meio viveu o povo de Deus. Embora ainda haja grandes e sérias lacunas em nosso conhecimento da história antiga, sabemos hoje infinitamente mais que nossos pais.

A maior parte dessa informação nos tem sido extremamente útil na elucidação do relato bíblico, e nos tem fornecido enorme quantidade

de matéria que o corrobora, resolve contradições aparentes, e facilita a compreensão de suas partes históricas. Basta ler de capa a capa um comentário conservador da Bíblia publicado cem anos atrás, para ver quanto o nosso conhecimento progrediu. Naquele tempo, os fundamentalistas lutavam ingentemente para explicar textos bíblicos difíceis e aparentemente contraditórios, usados pelos eruditos inclinados à crítica para desacreditar a Palavra de Deus. Muitas dessas dificuldades desapareceram inteiramente desde que os descobrimentos nos forneceram matéria que nos ajuda a ver a razão das declarações que pareciam ininteligíveis ou contraditórias. Muitos críticos eruditos admitem hoje que a Bíblia precisa ser tratada com maior respeito, visto as evidências arqueológicas terem mostrado a exatidão de seus relatos.

Os descobrimentos arqueológicos não são, em geral, de caráter tão sensacional como muitos pensam, e freqüentemente os que o são não têm relação direta com a Bíblia. Esse é um dos motivos de os descobrimentos arqueológicos serem freqüentemente torcidos por escritores conservadores bem intencionados mas imprudentes, que dizem algo em apoio da Bíblia, quando realmente nela não se baseiam absolutamente. Muito mal já se fez, e ainda continua a ser feito, em livros e artigos que dizem terem os arqueólogos descoberto material que realmente nunca foi encontrado. O leitor bem informado perde a confiança no livro ou periódico em que lê relatórios inverídicos ou torcidos, e priva-se do benefício da mensagem espiritual que outras partes do livro ou periódico lhe poderiam proporcionar.

Mencionarei apenas alguns relatos sensacionais aparecidos em vários periódicos durante os últimos três ou quatro anos. Um relatório declara ter sido encontrada no Egito a biblioteca particular de Abraão, e que consistia de muitos ladrilhos contendo escrita cuneiforme. Segundo o relatório, ele a levava de seu lar na Mesopotâmia e a deixara ali para ser descoberta pelo escavador moderno.

Outro relato menciona uma inscrição encontrada no monte Sinai, em que Moisés conta como foi salvo do Nilo pela filha de Faraó, e feito administrador das minas do rei. Alguns escritores anunciaram o descobrimento de inscrições cuja origem é anterior ao Dilúvio; outros, ter descoberto a fornalha de fogo ardente de Babilônia, da qual foram salvos os três valorosos hebreus. Uma história fala de inscrições encontradas nas ruínas de Jericó, que mencionam os israelitas; outro artigo declara que um rei egípcio batalhou contra o rei Asa, de Judá, e depois, voltando, historiou nas paredes do templo a sua derrota. Desnecessário seria acrescentar a história freqüentemente repetida do descobrimento da arca de Noé, no

monte Arará. Todos esses pretensos descobrimentos, aos quais eu poderia acrescentar muitos mais dos meus arquivos, nunca foram feitos, e toda pessoa bem informada lê tais relatórios com um sorriso, se não com desprezo e aversão.

O estudante da Bíblia não precisa recorrer a histórias fantasiosas de descobrimentos. Ele tem muita matéria com que defender a Palavra inspirada de Deus, embora a que tenha não seja, talvez, tão sensacional como os supostos descobrimentos aqui mencionados. Cada descobrimento tem ajudado a traçar um aspecto da história política, cultural ou religiosa das nações com que os filhos de Israel tinham que lidar, quer seja o túmulo de Tut-Ank-Amem ou o arquivo real da capital hetéia, Boghazkoy, a correspondência política de um rei da Mesopotâmia que viveu nos tempos de Jacó, ou as explorações submarinas das instalações do pórtico do Velho Tiro. Embora nalguns casos, esses descobrimentos não tenham ligação direta com o relato bíblico, dão-nos muita informação que nos ajuda a ampliar nosso conhecimento das condições religiosas e culturais, e da história política dos tempos em que a Bíblia foi produzida.

Muitos descobrimentos, contudo, têm verdadeira e importante ligação com a Bíblia. Um dos primeiros ladrilhos de escrita cuneiforme decifrados em meados do século XIX trouxe à luz o nome do rei assírio Sargon, citado na Bíblia (Isa. 20:1), mas não conhecido por qualquer outra fonte antiga. Portanto, os críticos da Bíblia duvidavam da existência desse rei. Os estudiosos da Bíblia sentiram-se muito felizes quando os relatórios antigos recentemente descobertos, e que estavam em processo de decifração, lhes proveram as firmes evidências para a defesa da Bíblia contra a alta crítica. Quando George Schmidt achou, em 1872, entre os ladrilhos que tinham ido para o Museu Britânico, a história babilônica do Dilúvio, enorme entusiasmo sacudiu todos os círculos cristãos. Aí estava um texto que mostrava, pela primeira vez, que os escritores antigos da Mesopotâmia estavam bem familiarizados com essa grande catástrofe. Vieram então à luz as inscrições reais assírias, que mencionavam certo número de reis de Judá e Israel que, ou haviam pelejado contra os assírios, ou pago tributo.

O encontro da famosa pedra de Moab, em 1868, esclareceu a história da rebelião e das atividades militares de Mesha contra seu Senhor israelita.

Em 1887, encontrou-se no Egito o arquivo do rei Amenhotep IV (Ikhnaton), os famosos ladrilhos de Tel el Amarna. Esse arquivo, que consistia de centenas de cartas, na forma de ladrilhos de barro, escritos ao dominador egípcio tanto por governadores palestinos como por outras autoridades, revolucionou, como nenhum outro descobrimento, nosso conhecimento das condições culturais e políticas do décimo-quarto século A. C., quando os hebreus acabavam de entrar no país. Para muitos estudiosos da Bíblia pareceu que os invasores habirus nêles descritos fôsem os próprios hebreus, e que as cartas de Amarna forneciam parte do relatório da invasão de Israel, considerada do ponto de vista dos cananeus.

A estrêla do Faraó egípcio Merneptá, encontrada em 1897 por Petrie, e que continha o nome de Israel, confirmou que os israelitas eram conhecidos dos egípcios durante o décimo-terceiro século, e que um rei egípcio contra eles lutara durante o período dos juizes. Críticos eruditos que não criam que o Exodo se tivesse dado antes do décimo-terceiro século

antes de Cristo, tiveram muita dificuldade para explicar como Merneptá pôde ter lutado na Palestina contra os israelitas, quando — segundo sua teoria — eles ainda estavam no Egito ou no deserto de Sinal. Recorreram, portanto, à hipótese de que algumas das tribos israelitas não haviam descido ao Egito, e o rei encontrara na Palestina os que haviam ficado para trás.

O inverno de 1901-1902 viu o descobrimento do famoso Código de Hammurabi, que contradisse o ponto de vista mantido por muitos críticos hodiernos, de que no tempo de Moisés não existia um sistema judiciário bem desenvolvido. 2

As escavações feitas nas famosas cidades de Ninive, Babilônia, Jerusalém, Gezer, Megido, Taanac, Mênfis, Tebas, e numerosos outros lugares, acrescentam muitas e significativas minúcias à história antiga. Minha tarefa, contudo, é apresentar-vos os mais recentes descobrimentos que sustentam a Bíblia, razão por que me limito às provas que, ou vieram à luz, ou foram publicadas durante os últimos vinte e cinco ou trinta anos.

Há duas maneiras de apresentar a um auditorio interessado a matéria arqueológica que confirma a Bíblia. Uma é estudar alguns descobrimentos isolados mas incisivos que corroboram notavelmente a história da Bíblia, como, por exemplo, os muros caídos de Jericó. Outra, é pintar um quadro mais completo da série de descobrimentos que se relacionam com uma variedade de assuntos bíblicos e mostram em quantas direções as antiguidades têm corroborado a veracidade da Bíblia.

Escolhi a última para impressionar-vos a vós, teólogos, professores de Bíblia, evangelistas, e líderes religiosos, com a abundância de matéria digna de crédito que recentemente veio à luz. A mão da Providência preservou esse material para os que vivem nos últimos dias defenderem a Bíblia legitimamente e com êxito, de maneira a conseguir o respeito das pessoas que nos ouvem ou lêem nossos artigos e livros.

Em minhas duas preleções, desejo apresentar parte da matéria que lança luz sobre o tempo dos patriarcas, o Exodo e os juizes, bem como alguns descobrimentos que se relacionam com o período dos reis de Israel e Judá, e com a época do exílio e da restauração. A última hora que me é concedida será ocupada com a apresentação dos mais sensacionais descobrimentos feitos em anos recentes, aos quais pertence bom número de manuscritos que nos mostram o firme fundamento sobre que repousa o texto bíblico.

## A Era Patriarcal

Os relatos dos patriarcas foram campo favorito da exploração dos críticos. Consideravam-nos eles incríveis e lendários, e não podiam ver nos patriarcas homens de carne e osso. Essa situação mudou consideravelmente, desde os descobrimentos do Código de Hammurabi, e as escavações de Ur dos Caldeus e da cidade horita de Nuzi, na Mesopotâmia. As provas ali encontradas mostram que as condições sociais e culturais da primeira metade do segundo milênio antes de Cristo, eram exatamente as que os relatos bíblicos dos patriarcas apresentam.

Não é meu trabalho defender nem acusar Abraão por ter-se ajuntado com a escrava e, mais tarde, tê-la despedido com o filho, nem preciso aprovar ou desaprovar as várias atividades de Isaac ou Jacó, ou de outros homens da época patriarcal. Desejo, apenas, contar-vos que os descobrimentos recentes revelam de



maneira frisante que esses homens e mulheres seguiam as práticas e costumes de sua época. Por exemplo, era costume tomar um homem por mulher a escrava jovem, quando a esposa era estéril, e permitir que a esposa a punisse se se orgulhasse da honra que lhe fôra concedida. 3

Os muitos documentos de Nuzi, que se relacionam com as condições sociais da era patriarcal, apresentam tão frisantes paralelos dessas histórias, que muito críticos eruditos já confessaram sua surpresa quanto à exatidão do quadro da era patriarcal que obtemos da Bíblia. A seguinte declaração da pena de um dos mais destacados orientalistas vivos, Prof. W. F. Albright, pode ser citada em corroboração:

"Podem ser citados nomes de eruditos eminentes que consideravam cada item de Gênesis 11-50 um reflexo de invenção posterior ou, pelo menos, um recuo de acontecimentos e condições do tempo da Monarquia para um passado remoto, acêrca dos quais nada realmente se pensava ser de fato conhecido dos escritores antigos. Os descobrimentos arqueológicos da geração passada mudaram tudo isto. Além de uns poucos obstinados entre eruditos antigos, dificilmente se encontrará um único historiador que não se tenha deixado impressionar pelo acúmulo rápido de dados que demonstram a substancial historicidade da tradição patriarcal." 4

Um exemplo de Nuzi mostrará claramente como os relatórios antigos elucidam os relatos bíblicos. Certo contrato de adoção informa-nos que havia regras de adoção. Um homem rico, chamado Nashui, adotou um jovem chamado Vulu. Tomaram-se tôdas as providências para que o jovem adotado desposasse a filha, mas teria êle que sustentar o pai adotivo enquanto este visse. Depois da morte de Nashui, Vulu herdaria a propriedade paterna, inclusive os deuses da família, se nesse interim não nascesse nenhum filho a Nashui. Caso houvesse filhos, o filho adotivo participaria igualmente da propriedade com os filhos legítimos, mas os deuses da família pertenceriam aos filhos. 5

Outros textos de Nuzi contam-nos que os filhos de um filho adotivo casado com a filha do pai adotivo, continuavam como filhos do avô durante o tempo em que esse visse. 6 Se se aplicar tal situação a Jacó e Labão, veremos completa harmonia entre esses relatos bíblicos e as condições apresentadas nos textos nuzis. Aparentemente Labão não tinha filhos, quando Jacó entrou em sua família, e portanto êle o adotou. Jacó casou-se com as filhas de Labão, mas os filhos de Jacó ficaram como filhos de seu sogro enquanto este viveu. (Gên. 31:28 e 43.) Mais tarde devem ter nascido filhos a Labão (Gên. 31:1), o que mudou a situação legal de Jacó e de suas esposas. Portanto, não tinham êles o direito de levar os deuses da família de Labão, quando dêle se apartaram, fato que foi reconhecido por Jacó, bem como por Labão. (Gên. 31:30-32.)

Era também costume, segundo os textos nuzis, dar a cada uma das filhas que casava, uma serva como parte do dote. 7 Foi o que aconteceu com Jacó, que recebeu uma serva com cada uma de suas esposas, como dádiva de Labão. (Gên. 29:24 e 29.) Outros textos revelam a exatidão com que os relatos dos patriarcas se ajustam ao período em que viveram. Isso levou Alfred Jeremias, douto crítico, a fazer a seguinte declaração:

"Mostramos como o *milieu* dos relatos dos patriarcas concorda, em cada pormenor, com as circunstâncias da civilização oriental antiga

do período em questão, como testificam os monumentos. A existência real de Abraão não é historicamente provada por êles. Poder-se-á objetar: está incluída no quadro. Em todo o caso, deve ser aceita; a tradição é antiga. Possivelmente não pode ser um poema com um propósito para os últimos tempos. Em vista das situações descritas, podemos dizer que o relato poderia mais facilmente ter sido composto por um escritor inteligente do vigésimo século depois de Cristo, que conhece as antiguidades orientais por meio das escavações; do que por qualquer contemporâneo de Ezequias, que tivesse usado a civilização de seu próprio tempo em descrições, e não tivesse escavado qualquer antiguidade. Wellhausen partiu da opinião de que os relatos dos patriarcas são historicamente impossíveis. Agora está provado o contrário. Se Abraão viveu, só pode ter sido em ambiente e sob as condições descritos na Bíblia. As pesquisas históricas devem contentar-se com isto. E a Wellhausen se deve lembrar suas próprias palavras (Komposition des Hexateuch 345); 'Se isto (a tradição israelita) fôsse somente possível, seria loucura preferir qualquer outra possibilidade.'"

As escavações de Ur dos Caldeus, onde Abraão nasceu e foi criado, mostram que êle era cidadão de uma metrópole altamente civilizada e culta. Nas escolas de Ur, as crianças aprendiam a ler, a escrever, aritmética e geografia. As casas dos cidadãos comuns eram mais bem edificadas, no tempo de Abraão, do que as de hoje, da classe pobre de Bagdad. O escavador, Sr. Leonard Woolley exprime espanto ao fazer êsses descobrimentos, dizendo:

"Devemos modificar consideravelmente nosso conceito quanto ao patriarca hebreu, ao vermos que passou os primeiros anos em ambiente tão adulterado; êle era cidadão de uma grande cidade e herdou as tradições de uma civilização antiga de padrão elevado." 9

A Bíblia nos conta que a população da Palestina, nos dias de Abraão, consistia de amorreus (Gên. 16:16) e que também os heteus habitavam o sul da Palestina (Gên. 15:20; 23:3). Uma fonte de onde não se esperava, lançou luz sobre esses passos. Faz alguns anos, encontraram-se no Egito numerosas pequenas esculturas de barro, representando, de maneira rudimentar, prisioneiros amarrados, de países estrangeiros. Nêles estavam escritas palavras mágicas para amaldiçoar os inimigos do Egito, que são mencionados pelo nome, com os lugares em que viveram. Essas esculturas datavam do século décimo-oitavo antes de Cristo, e outra série muito semelhante de textos, do décimo-nono, portanto da época patriarcal. Contêm o nome de cerca de cem governadores locais das cidades e tribos sírias ou palestinas. Muitos dos nomes podem ser identificados. Esses nomes nos mostram que os governantes da Palestina e da Síria, durante o tempo dos patriarcas, eram amorreus. Interessante é notar que possuímos agora, de fontes extra-bíblicas, os nomes de três reis que governaram Jerusalém antes dos hebreus entrarem no país. Dois dêles usavam os nomes amorreus Yaqar-'Aamu e Sasa-'Anu, 10 e um tinha o nome heteu Puti-Hepa. 11 Isso corrobora uma declaração feita duas vezes por Ezequiel (16:3 e 45). Falando acêrca de Jerusalém, diz Ezequiel: "Vossa mãe foi hetéia, e vosso pai amorreu". O fato de os únicos reis de Jerusalém conhecidos de fontes externas terem nomes amorreus e heteus é maravilhoso apoio às declarações acima citadas de Gênesis e Ezequiel.

A Bíblia menciona o ferro no período patriar-

cal. (Gên. 4:22; Deut. 3:11, etc.) Esses textos são frequentemente considerados anacrônicos, porque muitos eruditos não querem admitir qualquer uso amplo do ferro antes do décimo-segundo século A. C. No entanto, recentemente foram encontrados instrumentos de ferro no meio da alvenaria de duas pirâmides da quarta dinastia. Encontraram-se objetos de ferro na 6<sup>a.</sup>, 11<sup>a.</sup>, e 18<sup>a.</sup> dinastias do Egito. Na Mesopotâmia as ruínas de Tell Chagar Bazar, Tell Asmar, e Mari forneceram instrumentos de ferro feitos no terceiro milênio, produzindo, assim, prova de que o ferro era usado nos primeiros períodos da história. Textos do tempo de Hamurabi (décimo-oitavo século A. C.) e as Cartas de Amarna (décimo-quarto século A. C.) constituem prova literária do uso do ferro na época patriarcal e mosaica, tanto na Mesopotâmia quanto no Egito. 12

O mesmo se pode dizer do camelo. Segundo a Bíblia, (Gên. 24:10), Abraão possuía camelos, e todos se encontravam no Egito, durante esse tempo (Gên. 12:16), mas os eruditos modernos nos dizem que: a suposição de que no Egito se usassem camelos no tempo antigo "é um dos erros mais evidentes" dos livros que contém os passos de Gên. 12:16 e Exo. 9:13. E verdade que segundo as evidências atuais o camelo domesticado não pode ter sido usado amplamente no terceiro e segundo milênios A. C. Mas temos fartas provas de que era usado esporadicamente durante todo o período patriarcal, e, antes, como animal de carga no Egito, Síria-Palestina, e Mesopotâmia. 14

Que os patriarcas não eram figuras lendárias, provam-no os seus nomes. Os nomes de Tera, Naor, Harã, Abraão, Jacó, José, Moisés, Peneas, etc., foram todos encontrados em fontes extrabíblicas. Os nomes dos antigos patriarcas são mencionados nos textos cuneiformes da Mesopotâmia, de onde esses nomes provêm, ao passo que os nomes de homens ligados ao movimento do Êxodo foram encontrados nos relatórios do Egito. Não quer isso dizer que possuamos documentos que mencionem os indivíduos bem nossos conhecidos através da Bíblia, mas seu aparecimento em textos de fora desse período revela-nos que seus nomes de fato eram comumente usados e seus donos se entrosavam na sociedade em que viveram.

Por longo tempo o nome egípcio Zaphnath-paneah (Gên. 41:45), dado por Faraó a José, foi um enigma. Um dos muitos e recentes descobrimentos feitos no Egito, trouxe esse próprio nome à luz e nos fornece uma prova mais de que os nomes da Bíblia não são fictícios. 16

Os críticos da Bíblia diziam com ênfase, durante o século dezenove, que ainda não havia escrita da língua hebraica nos dias de Moisés. Consideravam esse um dos pontos mais fortes de seus argumentos de que o Pentateuco fôra escrito muitos séculos mais tarde. Esse ponto de vista já foi, certamente, refutado há muito tempo, mesmo antes da primeira guerra mundial, e nos últimos anos já veio à luz mais matéria que prova que a escrita hebraica era mais conhecida durante o período mosaico do que se pensava alguns anos atrás. Bom número de inscrições, cuja origem datava da primeira metade do segundo milênio A. C., e grafadas em alfabeto escrito, foram encontradas nas cidades da Palestina; também foram descobertas na península de Sinai numerosas inscrições alfabéticas que mostram que o alfabeto hebraico escrito era amplamente usado na própria região em que Moisés escreveu seu livro de Gênesis e os outros livros do Pentateuco. 17 Pequeno ladrilho descoberto três anos atrás em Ras-Shamra

(Ugarit) no norte da Síria, contém o alfabeto completo em escrita cananéia. Isso provou que o alfabeto hebreu existiu no décimo-quinto século AC. na mesma seqüência em que o temos hoje, coisa que ninguém, até aqui, cria possível. 18 Coisa alguma além desse descobrimento poderia refutar melhor a velha teoria dos críticos de que nos dias de Moisés a escrita ainda não era suficientemente conhecida para permitir que se escrevesse o Pentateuco.

## O Êxodo e a Invasão de Canaã

Ainda não foi encontrada prova alguma relacionada diretamente com o Êxodo. Aos egípcios repugnava admitir qualquer derrota, e nunca relatavam as catástrofes nacionais. Portanto, nunca poderemos esperar encontrar, nos documentos egípcios, qualquer referência ao Êxodo. Além disto, os israelitas, naturalmente, não deixaram traços de seus quarenta anos de peregrinações pelos desertos de Sinai e Transjordânia. Portanto, não podemos esperar encontrar muita prova arqueológica desse importante período.

Contudo, a queda de Jericó foi um acontecimento que deixou sinais, não apenas na mente dos cananeus daquela época, como também nos remanescentes da própria cidade. As ruínas dessa cidade dão-nos as provas mais evidentes do Êxodo e da conquista de Canaã. Escavações extensas feitas de 1929 a 1936 pelo Prof. John Garstang puseram a descoberto grandes porções dos muros da cidade, que fôra destruída nos dias de Josué por causas sobrenaturais. Garstang verificou que a cidade dos dias de Josué estivera cercada por dois muros, que haviam caído pelas encostas do monte em que Jericó fôra edificada. Atribuiu esse acontecimento a um terremoto, o que prova que a cidade não foi conquistada por meio de um ataque, nos dias de Josué, mas ruiu por intervenção divina. Também verificou que a cidade estava tão congestionada que chegaram a construir casas sôbre seus muros. Havia colocado vigas através dos dois muros e sôbre elas construído casas. 19

Em nenhuma outra cidade escavada da Palestina foi encontrada qualquer prova de que fôsem edificadas casas em cima de seus muros. A história de Raab, que desceu os espias pelas janelas de sua casa, menciona que "sua casa estava sôbre o muro da cidade, e ela morava sôbre o muro". (Josué 2:15.) Esse fato deve ter sido algo extraordinário para o autor inspirado, que nunca vira construir casas sôbre os muros de uma cidade, razão por que êle explicou isso aos seus leitores, que de outro modo não poderiam compreender a maneira em que ela poderia deixá-los descer pela janela, ato que os colocou, ao mesmo tempo, fora dos muros da cidade fechada.

As escavações de Garstang mostraram, além disso, que fogo intenso fôra ateado deliberadamente, e intensificado por meio de combustível adicional.

"A camada de cinzas era tão espessa, e tão notórios os sinais de calor intenso, que dava a impressão de ter sido proposital, de que se lançara combustível ao fogo. Entre as brasas, havia traços de palha queimada e pedaços de madeira. E verdade que esse material era empregado no local para cobrir as casas, mas aí havia dez vezes mais do que o necessário para esse propósito, e vestígios abundantes tanto dentro como fora da área das casas. O mesmo sucedia entre os muros da cidade, onde, em alguns lugares, o monte de matéria queimada



chegava a ter 1, m 60 de altura; e a face interna do muro principal, mesmo depois de já estar exposta há vários anos, ainda mostrava sinais evidentes da conflagração. Em resumo, parecia que Jericó fôra por fim queimada, depois de um preparo deliberado; que fôra, de fato, oferecida como holocausto, exatamente na maneira descrita no livro de Josué:

“Porém a cidade e tudo quanto havia nela queimaram-no a fogo’ (Josué 6:24.)”<sup>20</sup>

Que o povo de Jericó foi destruído em plena atividade, vê-se claramente pela grande quantidade de objetos caseiros encontrados nas casas derrubadas, juntamente com as últimas refeições, todos quase reduzidos a carvão, mas reconhecíveis. “As provisões domésticas de tâmaras, cevada, avelã, azeitonas, uma cebola, semente de pimenta” fôram encontradas com algum pão, e “uma quantidade de massa crua que havia sido posta de lado como fermento, para a fornada do dia seguinte”.<sup>21</sup> Tudo isso mostra quão despercebida da aproximação da grande catástrofe estava a população de Jericó, e como é verdadeiro o relato bíblico.

Embora a história da queda de Jericó tenha sido maravilhosamente vindicada pelas escavações modernas, ainda há um pouco de discussão quanto à data da queda da cidade. Os escavadores datam-na de cerca de 1400 A. C., o que, se correto, nos dá uma data extra-bíblica para o Exodo e a invasão de Canaã. Outros escavadores competentes não aceitam essa data, mas lhe diminuem cem anos. A fim de acabar com a incerteza quanto à data da queda de Jericó, o Fundo de Exploração da Palestina e as Escolas Americanas de Pesquisas Orientais reiniciaram as escavações de Jericó, sob a liderança de uma das arqueólogas mais competentes, a Srta. Kathleen Kenyon. A primeira escavação teve lugar no último inverno, mas não forneceu provas que resolvessem esse tão importante problema. A área da escavação trouxe à luz os restos de antigas cidades, mas todos os indícios da cidade de Josué naquele setor haviam desaparecido inteiramente. Ainda temos de esperar que outras campanhas nos dêem a informação que procuramos.

Por muitos anos, os doutos vêm debatendo se os habirus, que figuram nos ladrilhos de Amarna como invasores da Palestina, vindos do outro lado do Jordão durante o décimo-quarto século, eram os hebreus ou não. Os descobrimentos recentes têm fortalecido essa hipótese. A coluna encontrada alguns anos atrás em Beth-Shan, inscrita por Ramsés II, menciona que os habirus viviam na mesma parte da Palestina em que os hebreus viveram durante o período dos juizes, no décimo-terceiro século antes de Cristo.<sup>22</sup> Um novo ladrilho do arquivo de Amarna menciona certo chefe dos habirus na Palestina, sem lhe revelar o nome,<sup>23</sup> e a coluna de Amenhotep II, recentemente descoberta em Memphis, fala dos prisioneiros habirus que ele fez na Palestina.<sup>24</sup> Um número crescente de eruditos esposaram recentemente a tese de que os habirus eram os hebreus. O Prof. Albright, deixou de ser neutro, poucos meses atrás, e declarou:

“Há, em geral, tão extraordinária semelhança entre a parte desempenhada pelos ‘habirus e a dos hebreus nas antigas fontes bíblicas, que é quase impossível duvidar de que haja alguma relação entre eles”.<sup>25</sup>

Se tal hipótese fôr correta, como pessoalmente creio há muitos anos, temos mais forte evidência do que antes, de que os hebreus invadiram a Palestina durante o décimo-quarto século, e que os ladrilhos de Amarna e outros docu-

mentos da época, descrevem o ambiente dos cananeus, como eles o viram.

Isso também é ilustrado num relevo fragmentado do túmulo do rei Haremhab (que reinou de 1349-1319 A. C.), construído quando este ainda era general, antes que se tornasse rei. Pinta ele os cananeus pedindo humildemente para serem admitidos no Egito. A inscrição quebrada que explica os desenhos, declara que “estrangeiros, e outros, foram postos em seus lugares... destruindo-os, bem como desolando suas cidades.”<sup>26</sup> Diz-nos, também, essa inscrição que esse povo infeliz vivia a morrer de fome e como animais no deserto, antes de chegarem ao Egito, onde procuraram encontrar um céu de refúgio. A inscrição data de meados do século quatorze A. C., e parece referir-se aos cananeus, que tinham sido derrotados por Josué e os hebreus, e expulsos de suas cidades e pais.

O relato bíblico descreve a religião dos cananeus como idolatria e degeneração moral. Deus, durante muitos séculos, já havia usado misericórdia para com os cananeus, antes de finalmente os destruir. Mas quando a medida de Sua indignação se encheu, ordenou aos hebreus que não mostrassem misericórdia para com o povo que só lhes haveria de corromper a moral, se com eles tivessem qualquer comunicação. Até poucos anos atrás, muito pouco se sabia da religião dos cananeus além do revelado na Bíblia. Em 1929, as escavações de Ras Shamra, a antiga Ugarit, trouxe à luz centenas de textos mitológicos escritos pelos cananeus no século quinze antes de Cristo, num alfabeto cuneiforme desconhecido, em ladrilhos de barro. A escrita foi decifrada em tempo incrivelmente curto, e por esses ladrilhos temos sido possível obter um quadro bem claro da religião dos cananeus. Conhecemos agora seus deuses, crenças e rituais religiosos. Uma de suas práticas consistia em cozinhar os cabritos do sacrifício no leite da própria mãe,<sup>27</sup> prática que foi, portanto, proibida aos israelitas. (Exo. 23:19.) Esses textos nos apresentam um quadro bem claro da perversão moral dos cananeus. As histórias que contavam de seus deuses eram extremamente imorais. Contam repetidamente como o deus Baal forçou sua irmã Anath, e como esta, a deusa, se deleitava no derramamento de sangue, em inomináveis crueldades e atrocidades.<sup>28</sup> Revelam que a adoração da serpente e os sacrifícios humanos eram freqüentes, e ser também freqüente nos templos a prostituição ritual de ambos os sexos. Essas poucas referências bastarão para mostrar quão repelentes deviam ter sido os conceitos e práticas religiosas nos dias em que Moisés ordenou aos israelitas a destruição de seus inimigos cananeus, e a de modo algum terem qualquer relação com eles. Poucos descobrimentos têm lançado tanta luz sobre os costumes bíblicos e dos cananeus durante o segundo milênio antes de Cristo, como esses textos da antiga Ugarit.

Outros descobrimentos nos têm familiarizado com os horitas, nação de que muito pouco se sabia até poucos anos atrás. Hoje sabemos que os horitas se encontravam espalhados pela Ásia Ocidental no segundo milênio. Numerosos textos têm revelado sua história, língua e costumes, elucidando as declarações feitas a seu respeito no Pentateuco.<sup>29</sup>

Outro descobrimento é digno de ser aqui mencionado. Uma estátua cheia de inscrições descoberta no princípio da última guerra em Alalakh, no norte da Síria, cujas inscrições só foram publicadas dois anos atrás, possibilitou-nos identificar o lar do renegado profeta Ba-



lação. Ainda mais, descreve como o rei dessa cidade Síria fora, certa vez, expulso do trono e passara alguns anos com os habirus, na Palestina, antes de lhe ser permitido regressar a Alalakh. <sup>30</sup> Todos esses descobrimentos são bem recebidos pelos estudantes do Velho Testamento. Eles lançam luz sobre o fundo desse importante período, e nos podem ajudar, em tempo oportuno, a pintar claramente os acontecimentos que se desenrolaram no tempo de Josué e dos juizes antigos, e sobre os quais é muito breve o relatório bíblico.

Embora os eruditos mais modernos ainda se inclinam a datar o Exodo do décimo-terceiro século, ou a crer que houve dois exodos (teoria completamente inaceitável para os fundamentalistas), um no décimo-quinto século A. C., e o segundo no décimo-terceiro, um número crescente de descobrimentos feitos nos últimos anos confirmam o Exodo no décimo-quinto século. Não nego que alguns problemas históricos, com relação ao Exodo durante o décimo-quinto século, ainda aguardam solução, mas essa data satisfaz as declarações cronológicas bíblicas, bem como todas as declarações feitas pela Sra. Ellen G. White em seus escritos. <sup>31</sup>

#### BIBLIOGRAFIA

- (1) W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine and the Bible*, 3ª. ed. (nova York, 1935), págs. 176 e 177; Albright, "The Biblical Period", *The Jews. Their History, Culture and Religion*, L. Finkelstein, ed. (Nova York, 1949), págs. 3 e 4; Harry M. Orlinsky "Studies in the St. Mark's Isaiah Scroll", *Journal of Biblical Literature*, 69 (1950), pág. 152.
- (2) Boa análise da exploração levada a efeito em terras bíblicas durante o século XIX, é fornecida por H. V. Hilprecht, et al., *Explorations in Bible Lands During the Nineteenth Century* (Filadélfia, 1903), 810 páginas; o trabalho realizado nessa região até 1938 é admiravelmente descrito, por peritos, em *The Haverford Symposium on Archaeology and the Bible*, Elihu Grant, ed. (Nova Haven, 1938), 245 págs. George A. Barton, *Archaeology and the Bible*, (7ª. ed.; Filadélfia, 1949), 598 págs. apresenta, também, boa análise e tradução de muitos textos, mas não está atualizada. A melhor publicação que trata de textos antigos referentes ao Velho Testamento, é uma coleção de traduções feitas por peritos em cada especialidade, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (conhecidos hoje por *Ancient Near Eastern Texts*), James B. Pritchard, ed. (Princeton, 1950), XXI e 526 páginas.
- (3) Código de Hammurabi, sec. 146. *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 172.
- (4) Albright, "The Biblical Period", *The Jews, Their History, Culture and Religion*, pág. 3.
- (5) Cyrus H. Gordon, "Biblical Customs and the Nuzu Tablets", *The Biblical Archaeologist*, 3 (1940), pág. 5.
- (6) *Ibidem*, págs. 5 e 6.
- (7) *Ibidem*, pág. 6.
- (8) Alfred Jeremias, *The Old Testament in the Light of the Ancient East* (Nova York, 1911), Vol. II, pág. 45.
- (9) Sir Leonard Woolley, *Ur of the Chaldees* (Nova York, 1930), págs. 168 e 169.
- (10) Albright, "The Egyptian Empire in Asia in the Twenty-first Century B. C.," *Journal of the Palestine Oriental Society*, 8 (1928), págs. 247 e 248.
- (11) Amarna Letters, Nos. 286-290. A mais recente tradução dessas cartas, feita por Albright, encontra-se em *Ancient Near East Texts*, págs. 487-489. O nome do rei de Jerusalém é freqüentemente citado como sendo 'Abdu-Hepa ou 'Abdu-Heba, em vez de Puti-Hepa, dado que a verdadeira transliteração não foi ainda determinada. Essa incerteza não influencia a significação do nome, "Servo da deusa (hetéia) Hepa (ou Heba)."
- (12) Nenhum trabalho isolado já editado, pode ser citado para prova da existência de objetos de ferro em tempos primitivos. Um estudo do autor, a sair do prelo, e do qual pode ser extraído o seguinte sumário, apresentará a prova disponível: Camas de ferro aparecem nas primitivas tumbas

pré-dinásticas, no Egito. — Elas são feitas, porém, de ferro meteórico, trabalhado por processo de marteladação a frio. Os primeiros objetos feitos de ferro terrestre foram encontrados em duas pirâmides da 4ª. dinastia, em Gizé, e numa tumba da 6ª. dinastia, em Abidos, todos do terceiro milênio A. C. A tumba de Tutancamem continha vários objetos de ferro, entre armas e utensílios. Em Amarna Letters é também encontrada a prova literária acerca de vários objetos de ferro, descobertos no mesmo período (décimo-quarto século A.C.), que é o tempo da conquista de Canaã pelos israelitas. Objetos de ferro do terceiro milênio foram encontrados nas seguintes escavações, na Mesopotâmia: Tell Chagar Bazar, Tell Asmar, e Mari, e também, a prova literária acerca do uso do ferro fornecem-na os textos do período de Hammurabi anterior à era Moissica. A primeira prova acerca do ferro na Ásia Menor, data do décimo-terceiro século A. C., e da região Palestino-Síria do décimo-nono século A. C. (Byblos), e do décimo-terceiro (Quatana). Essa prova nos permite declarar com ênfase que o ferro era conhecido e usado muito antes do período Moissico, e que as declarações do Pentateuco acerca do uso do ferro concordam com os fatos recentemente descobertos.

- (13) Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (Nova York, 1941), pág. 154.
- (14) Um estudo a ser publicado pelo autor, apresentado na reunião da American Oriental Society, em Boston, em abril de 1952, conterá a prova disponível da existência primitiva do camêlo domesticado, de que damos o seguinte sumário: Tumbas da primeira dinastia, em Abydos e Abusir el-Melec, no Egito, trouxeram à luz ladrilhos de barro com a figura de camelos. Uma corda de pêlo de camêlo foi encontrada num contexto da 3ª. e 4ª. dinastias, em Faium, e outra figura de camêlo data da 19ª. dinastia, em Rifé. Mostra essa prova que o camêlo era conhecido no Egito como animal de carga durante o terceiro e segundo milênios A. C. Da Mesopotâmia vêm-nos reproduções de camelos na forma de pintura ou de cunhos, do mais primitivo período histórico de Uruc-Uarca, do nível de Ur III, em Exnuna (cerca do ano 2.000 A. C.) e doutros lugares, da metade do segundo milênio A. C. Uma figura do décimo-oitavo século, de um camêlo, foi encontrada em Biblos, na Síria, e outra, do décimo-quinto século, em Gezer, na Palestina, as quais mostram que esse animal era usado em todo o Oriente Próximo, no período patriarcal.
- (15) A prova da ocorrência de nomes patriarcais em fontes extra-bíblicas está disseminada em muitas publicações eruditas, e o material ainda não foi todo recolhido. Para alguns dos nomes patriarcais, ver Albright, "Recent Discoveries in Bible Lands", Apêndice da *Analytical Concordance to the Bible*, de Young, págs. 26 e 29; e "The Names Shaddai and Abram", *Journal of Biblical Literature*, 54 (1935), págs. 193-204.
- (16) Albright, "The Biblical Period", *The Jews, Their History, Culture and Religion*, pág. 56.
- (17) As mais antigas inscrições semíticas da Palestina estão convenientemente colecionadas por Davi Diringir, "The Palestinian Inscriptions and the Origin of the Alphabet", *Journal of the American Society*, 63 (1943), págs. 24-30; para as inscrições do Sinai, ver Hebert G. May, "Moses and the Sinai Inscriptions", *The Biblical Archaeologist*, 8 (1945), págs. 93-99; a Albright, "The Early Alphabetic Inscriptions From Sinai and Their Decipherment", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (depois abreviado no *Bulletin*, 110 (Abril de 1948), págs. 6-22.
- (18) Claude F. A. Schaeffer "Reprise des Recherches Archeologiques a Ras Schamra-Urgit", *Síria*, 28 (1951), pág. 10, Fig. 4; Albright, "The Origin of the Alphabet and the Ugaritic ABC Again", *Bulletin* 119 (Out. de 1950), págs. 23 e 24.
- (19) John Garstang e J. B. E. Garstang, *The Story of Jericho* (Londres, 1940), págs. 133-135.
- (20) *Ibidem*, pág. 140.
- (21) *Ibidem*, pág. 139.
- (22) Albright, "The Smaller Beth-han Stele of Sethos I", *Bulletin* 125 (Fevereiro de 1952), págs. 24-32.
- (23) A última tradução desta carta, feita por Albright, encontra-se em *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 487. Ver, também, suas referências a esta carta, em *Bulletin* 125 (Fevereiro de 1952), págs. 31 e 32.
- (24) A última tradução desta carta, feita por John A. Wilson, está em *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 245-247.

(Continua na página 23)



# E VANGELISMO

## A Ciência de Ganhar Almas

WALTER SCHUBERT

Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana

**S**EGUNDO afirma o profeta Joel, no capítulo 3 do seu livro, a humanidade de hoje, que vive nos umbrais do cumprimento de nossa esperança mais acariciada — a segunda vinda de Cristo, nosso Senhor — acha-se no “vale da decisão”.

Nosso dever, como ministros de Deus, não consiste somente em pregar o evangelho com vistas a informar as gentes acerca dos portentosos acontecimentos que logo ocorrerão, e fazer-lhes conhecer o plano da salvação, mas também ajudá-los a decidirem-se em favor da verdade, a fim de serem salvos. Com razão disse Paulo: “Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”.

Em São Mateus 28:19 e 20, encontramos as palavras seguintes: “Portanto, ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar tôdas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”.

Mas antes de as pessoas poderem ser batizadas em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, deve haver decisão. O assunto de conseguir as decisões é talvez o ponto mais débil do nosso ministério. Fácil é dar estudos bíblicos sobre Daniel 2, expor as profecias do livro do Apocalipse, pregar sermões e fazer conferências públicas, mas tôda essa nobre obra nada valerá se não se consegue que as almas se decidam em favor da verdade.

### Sábio é Quem Ganha Almas

950 anos antes da era cristã, escreveu Salomão: “O que ganha almas, sábio é” Prov. 11:30, e sobre o mesmo assunto, expressou-se o Espírito de profecia, da maneira seguinte:

“A mais elevada de tôdas as ciências é a de salvar almas. A maior obra a que podem aspirar criaturas humanas, é a obra de atrair homens, do pecado para a santidade. Para a realização desta obra, é mister lançarem-se sólidos fundamentos”. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 249.

Ambas essas declarações inspiradas implicam dedicação ao estudo da ciência das decisões. Assim como quem quer ser médico precisa estudar a ciência de curar, durante vários anos na Faculdade de Medicina, até dominá-la completamente, e mesmo depois precisa prosseguir aperfeiçoando-se durante a vida inteira, quem

quiser salvar almas terá que estudar a ciência das decisões, e depois nela aperfeiçoar-se. Deverá o ministro de Deus dar maior importância ao estudo da ciência das decisões, e ser sábio nessa disciplina.

### A Obra de Satanás: Impedir as Decisões

Em sua Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 4 e v. 4, Paulo nos dá a chave de por que a gente fala em decidir-se em favor do evangelho:

“Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus”.

Afirma-se aí que Satanás usa o entendimento, ou seja, a mente do homem, obscurecendo-a para impedir que aceite o evangelho “da glória de Cristo”.

O mesmo apóstolo São Paulo nos mostra, em II Tim. 3:2-8 e 13, com que elementos conseguiu Satanás obscurecer a mente da humanidade: são os 21 pecados ali descritos que transformam e corrompem o são discernimento entre o bem e o mal, a verdade e o erro.

O pecado, ou seja, a transgressão da lei de Deus confunde de maneira tal a mente, que impede que os homens vejam com clareza, carecendo, portanto, da faculdade intelectual para chegar ao conhecimento da verdade. Como diz o apóstolo: “Assim também êstes assistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé”.

Resumidas as contas, qual é a indecisão das pessoas e seu conseqüente repúdio da verdade? Precisamos buscá-la nos pensamentos corruptos com que Satanás encheu a mente humana.

### A Mente e a Ciência da Salvação

Tendo em vista o que antecede, o Espírito de profecia diz que o trabalho principal do ministro consiste no seguinte:

“O trato com a mente humana é a ocupação mais bela já confiada ao homem mortal”. — *Evangelism*, pág. 253.

Se quisermos ver almas ganhas para o reino de Deus, devemos sempre ter presente o que Satanás faz com a mente humana para prejudicar êsse propósito. Portanto, para alumiar o entendimento humano com a luz do evangelho, precisamos duma potência mais poderosa



que Satanás. Qual é esse poder? Diz-nos a serva do Senhor:

"Existe na verdade um poder vivo, e o Espírito Santo é o agente que abre para a verdade a mente humana." — *Evangelism*, pág. 124.

Esse poder só existe no Espírito Santo. Em muitas oportunidades demonstrou Ele o Seu poder sobre Satanás, especialmente ao ressuscitar dos mortos a Cristo, fato que o inimigo das almas quis a todo custo impedir. (Rom. 8: 11.)

Em S. João 16:13, falando do Espírito Santo, declara o apóstolo: "Ele vos guiará em toda a verdade". Este passo nos indica claramente que o Espírito Santo impressiona a mente do pecador para guiá-lo à verdade.

Sou admirador veemente de São Paulo, o mais poderoso ganhador de almas, depois de Cristo. Vejamos com que sabedoria pregava este grande apóstolo do evangelho aos coríntios:

"A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder". I Cor. 2:4.

Vejamos, também, com que arma pregou São Paulo aos tessalonicenses:

"Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo,..." I Tess. 1:5.

Reconheceu o apóstolo Paulo a importância capital da direção do Espírito Santo na grande obra da salvação dos perdidos.

São Pedro também menciona a forma como pregavam os santos varões da antiguidade: "Por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do Céu, vos pregaram o evangelho". I S. Ped. 1:12.

Tudo isso nos mostra claramente, que se quisermos ter êxito na ciência de ganhar almas, nossa vida deve, em primeiro lugar, ser guiada pelo Espírito Santo. O ministro e a instrutora bíblica devem orar diariamente pelo derramamento do Espírito Santo em sua vida. Mais que por nenhum outro, quer o Senhor que oremos por este dom.

"Quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?" S. Luc. 11:13.

"Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo". S. Jud. 20.

De joelhos, deverá o ministro de Deus clamar cada manhã: "Senhor, não Te deixarei sem que me hajas humilhado o meu eu no pó da Terra, e esteja sob o Teu inteiro domínio, mediante o Espírito Santo".

Pôr-nos sob o domínio do Espírito Santo significa revestir-nos de humildade, despojarnos do eu e submeter-nos a Suas diretrizes em todas as coisas da vida. Cumpra-se em todo obreiro a exortação: "Enchei-vos do Espírito". (Efés. 5:18.)

Diz o Espírito de profecia: "O Espírito Santo é que torna impressionante a verdade". — *Evangelism*, pág. 223. "O ministério do Espírito Santo, operando na alma, é a nossa grande necessidade. O Espírito é inteiramente divino, nos elementos que utiliza, e em Sua demonstração. Deus quer que tenhais dons espirituais cheios de graça; então trabalhareis com um poder que

nunca dantes haveis conhecido". — *Idem*, pág. 222.

"Aprenda todo ministro a calçar os sapatos do evangelho. Quem tem os pés calçados na preparação do evangelho da paz, andará como Cristo andou. Poderá proferir palavras adequadas, e fazê-lo com amor. Não buscará introduzir pela força a mensagem da verdade. Tratará com ternura todo coração, compreendendo que o Espírito Santo impressionará com a verdade os que são suscetíveis às impressões divinas." — *Idem*, pág. 130.

Com razão disse o grande ganhador de almas escossês, McCheyne: "Não são tanto os grandes talentos que Deus abençoa, como a semelhança de Jesus. Um ministro santo é uma arma terrível na mão de Deus." E, em verdade, é necessária uma arma terrível, o Espírito Santo, para iluminar o entendimento entenebrecido por Satanás, e levar as almas à decisão.

Deus nos ajude a aprendermos o principal e mais importante da ciência de ganhar almas — estar "cheios do Espírito Santo" — para ao dirigirmos os pecadores através das conferências e estudos bíblicos, não lhes falemos com "palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder".

NOTA. — Próximamente publicaremos outras meditações sobre a ciência de ganhar almas.

#### A Inquietação

*Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças.*

NÃO estar "inquieto por coisa alguma", significa que coisa nenhuma nos deve inquietar. Aquelas pacíficas estrélas que pousaram sobre Belém, há dos milênios, pousam agora sobre um mundo cheio de ansiedade e temor. A inquietação prende os homens com uma garra mortal. Um soldado britânico, na guerra da Criméia, gritou no escuro, para o seu oficial, que ele aprisionara um inimigo. O oficial respondeu: "Traga-o". "Ele não quer ir", respondeu o soldado. "Então venha você", disse o oficial. "Ele não me deixa", retrucou o soldado. A inquietação é justamente assim. Ao pensarmos que levamos a melhor, achamo-nos impotentes em suas garras.

A inquietação significa perda de energia espiritual e força física. Ela é cega e não pode perscrutar o futuro com visão nítida; o passado é esquecido, e o presente, falseado. Inevitavelmente, significa miopia espiritual, com poucas coisas aumentadas desproporcionalmente à sua importância. A inquietação mata.

Mas o cristão possui extraordinárias reservas estratégicas com que vencer o inimigo. A cura por excelência é a fé e a oração serena. O conhecimento destas reservas deve para ele significar confiança, paz de espírito e segurança, pois são mais do que suficientes para torná-lo vencedor. Isso é que estabelece a diferença entre a vida suficiente e a abundante. — Gerald H. Minchin.

# Características dos Temas Introdutórios a uma Série de Conferências

DANIEL HAMMERLY DUPUY

Evangelista e Secretário do Depart. de Relações da Imprensa, e Temperança da União Austral

## Importância do Primeiro Tema de Uma Série de Conferências

QUANDO um orador chega a uma cidade, pouco é o que se sabe a seu respeito. As reportagens que lhe façam os jornais podem produzir ambiente favorável, porém a verdadeira expectativa é gerada pelo primeiro tema anunciado.

O tema inaugural de uma série de conferências deve chamar a atenção. Ele chamará a atenção se focalizar um problema de interesse para a maior parte dos habitantes da cidade. Não é a fama do orador mas o desenvolvimento do tema anunciado e devidamente difundido mediante propaganda eficaz, o que atrairá o público. O auditório ficará satisfeito com a apresentação do conferencista se este é fiel no desenvolvimento da conferência anunciada e sabe descrever vividamente os problemas e esboçar com clareza a almejada solução, muito embora não chegue a dar mais que um vislumbre da mesma.

O êxito da segunda conferência depende em alto grau da opinião que o auditório tenha formado durante a primeira. O segundo tema deve ser necessariamente interessante e, se possível, continuar o desenvolvimento dos problemas e soluções esboçados no primeiro.

Entre os muitos problemas que o evangelista deve resolver antes do iniciar uma série de conferências, está o de decidir qual será seu primeiro tema e quais os temas introdutórios subsequentes.

Não há nem pode haver regra fixa que permita estabelecer com certeza qual o tema mais conveniente para dar início a uma série de conferências evangélicas. Isso em grande parte depende da época e do lugar em que se realizará. Há, certamente, grande diferença entre realizar-se uma série de conferências num teatro ou num templo. Em se tratando de um teatro municipal ou da sala de conferências duma biblioteca pública, estará presente um público mais intelectual e um tanto curioso que, como os atenienses, anda em busca de novidade. Tratando-se de um templo, os que se apresentam estão predispostos para a apresentação de tema religioso, e por essa razão, certo número de convidados se esquivam de entrar por causa dos preconceitos confessos que os dominam.

Tôdas as precauções possíveis devem ser tomadas para que os primeiros temas da série não se prestem a mal-entendidos, que venham robustecer os preconceitos generalizados. A questão de qual poderia ser o tema conveniente a ser apresentado ao público que se apresentará à primeira conferência requer muita reflexão e oração. Demanda averiguação em torno da idiosincrasia dos habitantes da cidade, estudo da história do país e da região, conhecimento de seus heróis e mártires, noção dos costumes sociais e até psicologia da massa e do ritmo do pulso comercial.

Será difícil averiguar demasiado a respeito dos diversos fatores que devem ser tomados em conta para se decidir qual será o primeiro te-

ma, que título se lhe deve dar e que elementos locais de interesse deverá conter para que faça vibrar os ouvintes em consonância com o orador.

## Orientação Geral das Primeiras Conferências

Dos primeiros temas pode dizer-se que a assistência dependerá mais que tudo de seu caráter interessante ou importante no conceito do ouvinte, de maneira tal que cativete a atenção.

A irmã White foi muito explícita no que tange à atitude que o evangelista deve assumir em seu campo de labor:

“Que todo obreiro na vinha do Mestre estude planos e imagine métodos para alcançar o povo onde está. Devemos fazer algo que ultrapasse a rotina ordinária. Devemos atrair a atenção; manifestar um fervor inamovível. Estamos tão próximos de tempos de provas e perplexidades que mal imaginamos.” (*Carta n.º 20*, de 1893.)

Alguns criam que ao iniciar as conferências em lugares novos, convinha que o conferencista se identificasse de imediato com a mensagem adventista, porém a Sra. White assinalou a vantagem de surpreender o auditório: “Qualquer que tenha sido vossa prática anterior, não é necessário repetir vez após vez a mesma coisa. Deus quer que sigamos métodos novos e não experimentados. Apresentai novidades ao povo; surpreendei-o.” — *Manuscrito n.º 121*, de 1897.

Inconfundível é o seu conselho referente às primeiras conferências de uma série:

“Estai em guarda sempre. Não apresenteis ao povo de início os conceitos de nossa fé que suscitaríamos as maiores objeções, para que não fecheis os ouvidos daqueles a quem estas coisas chegam como uma nova revelação.” — *Manuscrito, n.º 44*, de 1894.

A sabedoria e o trato devem predominar nas primeiras conferências, de maneira que os adversários não questionem o que foi dito. Isto requer medida extraordinária de prudência devidamente planejada:

“Não deveis pensar que se deve apresentar tôda a verdade aos incrédulos em tôda e qualquer ocasião. Deveis planejar cuidadosamente sôbre o que dizer e o que deixar de dizer. Isto não é enganar; é trabalhar como trabalhou Paulo. Disse Êle: ‘Sendo astuto, vos tomei com dolo.’ (II Cor. 12:16.) Deveis variar vossos labôres, e não ter uma só forma que pensais dever ser seguida em tôdas as ocasiões e em todos os lugares. Vossos métodos podem parecer um êxito, mas se houvésseis usado mais tato, mais da sabedoria da serpente, teríeis visto resultados muito mais reais em vosso trabalho.” — *Carta n.º 12*, de 1887, em *Evangelismo*, pág. 91. (Espanhol.)

A palavra grega “dolo”, empregada pelo apóstolo Paulo para referir-se à forma como havia cativado e interessado para o evangelho, os coríntios tem o sentido de “astúcia, engodo,



estratagemas, disfarce." Os temas das primeiras conferências devem ser como um engodo que atraia os ouvintes por "interessantes", sem que o orador revele totalmente que é que considera verdadeiramente "importante." Jesus disse a Seus discípulos que faria deles pescadores de homens, e é fato mundialmente conhecido que os pescadores fazem todo o possível para ocultar o anzol dentro do engodo que atraí os peixes. Contudo conserva seu valor a expressão bíblica que deve caracterizar o evangelista: "O que ganha almas sábio é." Prov. 11:30.

### Os Temas Introdutórios Devem Variar com o Tempo

As questões que interessam aos povos em particular e à humanidade em geral, variam com o tempo, ao modificar-se o quadro dos acontecimentos e a maneira de encará-los.

Os temas da etapa introdutória devem ser considerados por sua atualidade ou por harmonizarem-se com questões que revestem grande interesse humano. Por esse motivo, quando um evangelista revisa a lista de seus temas iniciais no decorrer de sua atuação, descobrirá quais os títulos que mais influência exerceram no ânimo das pessoas, quando apresentados.

É um fato que os mesmos temas podem tomar colorido algo diferente, tonalidade distinta, como acontece com uma montanha coberta de neve, que em determinados momentos do dia, conforme a posição do Sol, apresenta coloração azulada, esbranquiçada, fulgurante, amarela, roxa, purpúrea, para tornar à tonalidade violácea à noite, ou prateada com o luar.

A mudança do título de uma conferência deve dar ao conteúdo colorido novo, se é que se deseja manter o mesmo tema. Por essa razão, aos quatro temas introdutórios que publiquei para proveito dos evangelistas em 1942, dei sete títulos diferentes, para serem adaptados segundo as predileções do momento. São eles:

- 1º. — O Fracasso da Liga das Nações
  - Triunfará o Pacifismo?
  - Que Significam os Preparativos Bélicos?
  - Entre a Paz e a Guerra.
  - Prepara-se o Mundo Para a Paz ou para a Guerra?
  - As Alternativas de Guerra e Paz.
  - Quando Desaparecerá o Clima de Guerra?
- 2º. — O Destino da Europa. (Dan. 2.)
  - Marchamos para a Bancarrota da Civilização?
  - A Unificação das Nações do Mundo.
  - Para um Novo Império Universal.
  - Poderão as Américas Salvar a Europa?
  - A Confederação dos Estados do Mundo.
  - Para onde Marcha Nossa Civilização?
- 3º. — A Angústia do Mundo.
  - Que Significa a Crise Mundial?
  - O Ponto Fraco de Nossa Civilização.
  - Nosso Século Paradoxal: Miséria e Opulência.
  - Assistimos à Bancarrota de Nossa Civilização?
  - O Sentido da Angústia de Nossa Era.
  - Quando o Agigantamento É um Sinal de Decadência.
- 4º. — O Significativo Despertar do Oriente.
  - A Crescente Maré de Ódios Raciais.
  - O Bélico Despertar do Oriente.
  - O Drama da Civilização Ocidental.
  - Enquanto o Ocidente se Debilita, o Oriente...
  - O Levante dos Povos de Côr Contra a Raça Branca.
  - Ante o Ciclone Bélico do Oriente. (x)

Os temas devem variar com o tempo, quan-

do assumem o caráter de atualidade. Por esse motivo, a primeira conferência que pronunciei no Teatro Sodré, de Montevidéu, em 1954, recebeu o título: "A América em Face do Fracasso do Racismo." A conferência inicial pronunciada no Teatro Municipal de Assunção, no Paraguai, em 1948, pouco depois da morte de Gandi, recebeu o título: "Aspectos da Vida Focalizados por Cristo e por Gandi." A série pronunciada no templo de Paraná, Entre Rios, Argentina, em 1952, teve início sob a epigrafe: "Otimismo e Pessimismo na Idade Atômica," com duas conferências intituladas respectivamente: "Dos Triunfos da Ciência à Idade Atômica" e "As Lições de Hiroshima e da Coréia."

Não É Imprescindível que as conferências sejam Iniciadas com Temas de caráter Político.

As conferências sôbre assuntos de atualidade, geralmente têm um colorido político que em certas ocasiões não é conveniente. Há salões, bibliotecas e instituições onde é proibido falar acêrca de política e religião, e isto está claramente expresso em seus regulamentos. Se é necessário começar uma série de conferências em tal lugar, para prosseguir noutros recintos, convém adotar outros temas introdutórios.

Em tais circunstâncias pode iniciar-se a série com temas muito diversos.

(x) O autor apresenta esta lista de quatro temas com títulos diferentes como um simples exemplo de como variar a epigrafe das conferências, sem a menor insinuação de que esses mesmos temas sejam os convenientes para a nossa época, que apresenta aspecto inconfundível. Muitas pessoas se interessam em temas científicos e sociais. Entre os científicos, há os de ordem prática, como os que se ocupam da temperança, e de caráter filosófico quando fazem a crítica da teoria evolucionista. Uma conferência de temperança pode receber o título em forma alarmista de "Os Grandes Inimigos da Humanidade." Tenho atraído grandes auditórios anunciando uma crítica do evolucionismo com os títulos: "Darwin e Nosso Século Desorientado" e "Darwin e o Problema da Origem do Homem."

Entre os temas sociais tenho podido atrair a atenção com a conferência: "O Problema da Deliquência Infantil," e "A Luta Mundial Contra a Criminalidade." Há outros temas de caráter social com colorido otimista. Entre eles se destaca a conferência: "O Segredo da Felicidade" que tem produzido os maiores triunfos para o pastor Walter Schubert, que, comentando o valor da etapa dos temas introdutórios, escreveu o que segue:

"As primeiras conferências devem ser de tal natureza que despertem a confiança e o sentimento amistoso do público para com o orador. Devem ser de caráter tal que os ouvintes sintam que se beneficiam e se habilitam para a realização de seus mais profundos anelos como sejam: a felicidade, o sentimento de segurança, etc. Por isso, os primeiros temas devem desenvolver-se não tanto de acôrdo com uma ordem lógica, mas em harmonia com princípios psicológicos. Portanto, dever-se-ão desenvolver temas adequados à idiossincrasia do povo o que este, por isso mesmo, agradecerá. Tendo em conta este objetivo, convém alternar os temas proféticos e de atualidade com os que cativam mais profundamente o coração humano, como sejam: 'O Segredo da Felicidade.' Assim o auditório começará gradual e imperceptivelmente a gostar dos temas que, por serem religiosos, antes detestavam." — *El Predicador Adventista*, Ano 17, nº 5, de 1949, pág. 13.

As conferências introdutórias deverão sem dúvida atrair as mais diversas pessoas e isto justifica a apresentação de temas heterogêneos. Surge, não obstante, o problema da lógica dos temas nos anúncios, de modo que a propaganda não dê a impressão de que o orador está desorientado e não traçou devidamente sua série de conferências. Como revelar ao mesmo tempo o problema lógico e o psicológico na etapa introdutória da série? Nem todos os temas atraem por igual as pessoas. Algumas são graves e lhes interessam a solução dos problemas mundiais; pertencem em geral a esse tipo os homens que se sentem atraídos pelo anúncio desses temas. Outros têm senso mais prático e sentimental da vida e a estes interessa tudo que se relacione com o problema da felicidade da família; entre estas pessoas se destacam as mulheres.

Diz-se que os homens se dispõem a deixarem-se matar por uma idéia, ao passo que as mulheres se deixam matar pelo que amam. Nossas

conferências devem atrair tanto homens como mulheres; por conseguinte, os temas anunciados devem cativar a uns e outros. Ao buscar a solução deste problema — que o pastor Walter Schubert crê haver encontrado com temas alternados dentro da etapa introdutória — encontrei uma fórmula conciliatória para dar início a uma série que pronunciei na cidade do Paraná, em 1952. Com efeito, as primeiras três conferências foram anunciadas para os que pensam, sob o título geral de "Otimismo e Pessimismo na Era Atômica." As três conferências subsequentes foram dedicadas aos sentimentais e, por conseguinte, a maioria dos presentes às três primeiras era composta de homens, e às três seguintes, de mulheres. O título da segunda série da etapa introdutória foi: "A Humanidade em Busca da Felicidade," e os temas que incluía eram "É a Felicidade Mito ou Realidade?"; "Aspectos da Vida Focalizados por Cristo e por Gandi" e "A Suprema Esperança da Humanidade."

## Fume Com Risco Próprio

Simpósio, por GLADIS CLARKE

**E**XISTE acalorado debate sobre se o fumo é prejudicial, e em que sentido, mas ninguém pretende que fortaleça os músculos, favoreça a respiração ou produza melhoria da saúde!" Isso diz o Dr. Edwin P. Jordan, do Serviço de Saúde norte-americano.

"Concordam em geral os médicos com que o uso excessivo do fumo seja prejudicial à saúde. Até o uso moderado do fumo afeta a eficiência física do atleta. Notório é que o fumo prejudica a respiração. A falta de ar atinge mais cedo o fumante, e o aflige mais tempo. O coração bombeia menos sangue depois de a pessoa fumar. A metade dos fumantes, em comparação com os não-fumantes são, nos colégios, são bem-sucedidos nas provas eliminatórias para ingressarem em quadros futebolísticos. Provaram já os fisiólogos por meio de aparelhos de precisão, que a eficiência muscular fica grandemente reduzida após um único cigarro.

"Após fumarem uma vez, especialmente no caso de cigarro, a eficiência mental fica reduzida 10% em média, manifestando-se especialmente na imaginação, percepção e associação de idéias — os três pontos essenciais do pensamento.

"Vários investigadores verificaram que o efeito imediato de fumar é a diminuição da precisão e da coordenação das reações. Um único cigarro, por exemplo, diminuiu a precisão do tiro ao alvo, e produziu o mesmo efeito no jôgo de "baseball".

"Em suma, o consenso geral dos educadores, médicos, fisiólogos, treinadores, capitães de equipes e dos próprios atletas, é que a mais elevada eficiência muscular, resistência, pericia e habilidade para atender a um esforço físico são incompatíveis com o fumo." — *Dr. William Brady, Asbury Park Press.*

"A análise química exata da fumaça do fumo mostra que cada bafurada de cigarro ou ca-

chimbo, contém aproximadamente dois por cento de óxido carbônico, isto é, duas partes de CO em cem. A aspiração de ar que contenha essa porção de óxido carbônico produzirá sintomas desagradáveis ou sérios — opressão na testa, possivelmente dor de cabeça, rubor da pele, latejamento nas têmporas, tonturas, fraqueza, diminuição da visão, náuseas, colapso — reminiscências do efeito daquela primeira fumada. . . .

"Visto que a presença de apenas 0,1% (uma parte em mil) de óxido carbônico no ar que se respira causa dor de cabeça e outros sintomas, e 1% de CO no ar pode ser fatal num espaço de tempo que dá para umas poucas inspirações apenas, afigura-se-me que o CO e não a nicotina é o fator responsável pelos maus efeitos do fumo." — *Dr. William Brady, Toledo Blade.*

"Quantidade menor que as doses letais de óxido carbônico várias vezes ao dia ou menor do que as doses fatais de álcool diárias ou a intervalos, pode prejudicar de maneira tal as células vitais, os tecidos e os órgãos, que a reabilitação se torne impossível. A máquina humana é maravilhosamente eficaz quando devidamente usada, mas, afinal de contas, não é admissível que espereis que funcione bem se dela abusais." — *Dr. William Brady, Toledo Blade.*

"Esses são os efeitos do uso do fumo moderado ou simplesmente esporádico. Entre os bem-conhecidos efeitos do uso excessivo do fumo figuram a faringite crônica (dor de garganta de fumante); segundo alguns médicos, o câncer dos tubos brônquicos ou pulmões; coração de fumante, caracterizado por batimentos anormais ou ligeira pressão, palpitação, e incômodo ou dor na região do coração e sob a caixa torácica; complexo ulceroso duodenal (todos os sintomas de úlcera, mas radiograficamente negativos); mal de Burger que, nal-



guns casos, leva à amputação do pé ou da perna; cegueira parcial, insônia; dor de cabeça; tremores".—*Dr. William Brady, Asbury Park Press.*

"O câncer dos pulmões supera tôdas as demais enfermidades do aparelho respiratório como causa mortis entre a população branca dos Estados Unidos, dizimando mais que a tuberculose respiratória, ou pulmonar, relatam as estatísticas da Metropolitan Life Insurance Company.

"A porcentagem de mortes motivadas por câncer respiratório de homens entre os segurados industriais da Companhia, nos anos 1950/51, foi de 25,7 por 100.000; a porcentagem de tuberculose respiratória, 21,9 em 100.000 e a de pneumonia, 14,6. O excesso da porcentagem do câncer sôbre a tuberculose e pneumonia incide especialmente sôbre pessoas idosas.

"Há vinte anos, dizem os peritos em estatísticas, a mortalidade por câncer dos pulmões entre o sexo masculino era muito inferior à

de tuberculose. Naquele tempo, a porcentagem de mortes por câncer nos pulmões, entre os homens de 65 a 74 anos era menos que um terço da de tuberculose; ao passo que anda hoje pelo dôbro".—*New York Times.*

"O aumento da incidência do câncer dos pulmões é inquestionavelmente devido ao efeito carcinológico (que causa o câncer) da fumaça do cigarro. Há um paralelismo distinto entre isso e o aumento do câncer brônquico. Em 1920, o câncer brônquico representava 1,1% de todos os cânceres, em 1930, 2,2%, e em 1948, 8,3%. Com base na quantidade dos fumantes hoje existentes predizemos que, em 1970, o câncer dos pulmões representará 18%, ou quase um de cada grupo de cinco indivíduos atacados de câncer."—*Dr. Alton Ochsner.*

Os efeitos do fumo sôbre o cérebro, os brônquios, o coração, os pulmões, os vasos sanguíneos e outros órgãos devem ser divulgados até que cada fumante conheça o risco que corre. fumando.—*Activites, Ago.—Out. de 1953.*



# OBRA PASTORAL

## O Trabalho do Chefe Distrital

ALFREDO AESCHLIMANN

(Presidente da União Austral)

"**IDE** por todo o mundo; pregai o evangelho <sup>1</sup>a tôda a criatura", é a grande comissão de Cristo. Foi ela dada aos apóstolos, há mais de dezenove séculos; tem sido a ordem de marcha da igreja cristã em todos os tempos; resume, também, a missão da igreja remanescente em nossa época.

Nestes dias finais da história, em que vivemos, todos os esforços da igreja devem ter em vista um propósito duplo: *Primeiro*, pregar por última vez o evangelho a um mundo perdido. *Segundo*: Preparar um povo para encontrar-se com seu Deus. Todos os ramos da obra, não importando qual seja a sua especialização, devem trabalhar harmônicamente para atingir êsse objetivo duplo o mais breve possível.

Não resta dúvida de que estamos muito atrasados na realização de nossa tarefa. No ano 1909, disse a serva do Senhor: "Se cada atalaia sôbre os muros de Sião houvesse feito vibrar o toque de corneta acertado, o mundo poderia ter ouvido antes de agora a mensagem de advertência. Porém, a obra está com anos de atraso. Enquanto os homens dormem, Satanás se nos tem adiantado."—*Evangelism*, pág. 694.

Sim, "a obra está com anos de atraso". Julgo não ser difícil de compreender que pesa hoje sôbre todos nós a solene responsabilidade de apressar a obra e terminá-la. "Todo cristão tem o privilégio, não sômente de esperar, mas de

apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Com darmos o evangelho ao mundo, temos a faculdade de apressar a volta de nosso Senhor".—*Idem*, pág. 696.

Como podemos apressar a terminação da obra e a volta de Jesus? Cumprindo cada qual o seu dever quanto à pregação do evangelho. O propósito das sugestões dêste artigo é auxiliar os chefes distritais a cumprirem com mais eficiência o seu dever e com mais facilidade alcançarem os objetivos apontados.

### Algumas Sugestões Práticas Para um Chefe Distrital

#### 1. Que é um Chefe Distrital?

A fim de poder explicar o que é um chefe distrital, necessário é primeiramente definir o que é um distrito, na linguagem pastoral e evangélica. O distrito poderá ser o seguinte:

a) Um setor duma grande metrópole, com várias igrejas e grupos, além de território ainda não penetrado;

b) Uma cidade regularmente grande e seus arredores, com várias igrejas e grupos, bem como território ainda não penetrado;

c) Um Estado, provincia ou qualquer território mais ou menos extenso, contendo várias cidades, povoações, aldeias e terras. Pode ter al-

gumas igrejas e grupos, bem como áreas ainda não penetradas.

Noutras palavras, por distrito queremos referir-nos a um território com mais de uma igreja e grupo e com área em que a obra não está ainda estabelecida. Um distrito poderá constar, também, de território inteiramente novo.

Feitas as definições anteriores, é tarefa fácil explicar o que seja um chefe distrital. É a pessoa responsável pelo distrito. Deve ela velar pelos aspectos administrativos das igrejas e grupos existentes dentro do seu território. Como pastor dos diversos rebanhos, grandes e pequenos, deve velar pelo bem-estar espiritual dos membros. É responsável pela marcha harmoniosa de todas as atividades religiosas e missionárias em todas as igrejas e grupos. Tem o dever de planejar e realizar a evangelização do território virgem, dentro do seu distrito.

No desempenho de suas tarefas, o chefe distrital pode estar só ou, segundo o caso, ter um ou vários auxiliares.

### 2. Deveres Administrativos do Chefe Distrital.

Entre as atividades múltiplas dum chefe distrital estão também as de ordem administrativas. Pode apresentar-se o caso de que tenha que atuar como ancião de alguma das igrejas. No caso de não ser pastor ordenado, este último pode ser conveniente, pois facilita os seus trabalhos e aumenta a influência e autoridade. Em todo o caso, o chefe distrital é o representante da Associação ou Missão, e nesse caráter tem alguns deveres administrativos iniludíveis para cumprir.

Deve cuidar de que em todas as igrejas e grupos, as atividades e tudo mais se desenvolvam em harmonia com os princípios, normas e regulamentos da organização.

Deve ver que em todas as igrejas sejam feitas no devido tempo e na devida forma as nomeações necessárias para a boa marcha da igreja. Deve preocupar-se, também, de que os grupos tenham o pessoal dirigente que as circunstâncias requerem.

O chefe distrital é a pessoa que deve cuidar de que todos os dirigentes das igrejas e grupos cumpram o seu dever. Deve instruir a quem de direito para que todos os relatórios das diversas atividades sejam devidamente preenchidos, e certificar-se de que hajam sido enviados ao escritório nas datas respectivas.

Deve preocupar-se de que todas as comunicações e pedidos especiais que chegam da direção da obra, sejam atendidos e levados ao conhecimento dos membros. A guisa de exemplos mencionaremos: Dias especiais de jejum e oração; ofertas especiais, alguma campanha extraordinária, etc.

O chefe distrital deve vigiar para que todas as igrejas e grupos realizem na forma e no tempo devidos, as campanhas da Recolta Anual, Semana Grande e outras que possam vir a ser adotadas. Deve cuidar de que cada ano se realizem em todo o seu distrito a "Semana de Oração" e as semanas de "O Atalaia", "Revista Adventista", etc.

Faz parte dos deveres administrativos dum chefe distrital, o relativo às estatísticas. Deve

êle cuidar de que os registos de membros das igrejas sejam mantidos em boa ordem; que as cartas de transferência sejam enviadas em tempo e na devida forma. Deve vigiar para que toda informação estatística seja enviada corretamente e em tempo, ao escritório da Associação ou Missão.

Outro dever administrativo do chefe distrital é o referente às finanças. Deve êle assessorar os tesoureiros em seu trabalho, e ver que os fundos sejam manuseados corretamente, dando-se-lhes o destino que lhes corresponde. Deve estimular a fidelidade e liberalidade nos dízimos e ofertas, e ver que os fundos sejam remetidos pontualmente ao tesoureiro da Associação ou Missão. Verificará, também, que as contas de publicações sejam pagas em devido tempo, para que não sejam acumuladas dívidas. Se no seu território houver uma escola primária adventista, deve zelar para que funcione com base financeira sã.

O que ficou dito enumera apenas alguns dos deveres administrativos dum chefe distrital; não é possível mencioná-los todos. O fiel cumprimento desses deveres terá como consequência ordem e boa marcha nas igrejas e grupos, e cooperação e bom entendimento entre estas e a Associação ou Missão.

### 3. O Chefe Distrital e seus Deveres Pastorais ou Espirituais.

O chefe distrital é o pastor das igrejas e grupos existentes no seu território. Deve êle dar atenção preferente ao trabalho pastoral e ao crescimento espiritual de toda a irmandade. Com êsse propósito deve tomar medidas para que em todas as igrejas e grupos funcionem normalmente a escola sabatina, o culto de sábado, a reunião de oração e, onde haja elemento, a Sociedade de Missionários Voluntários.

Juntamente com os anciãos deve planejar os temas para os cultos de sábado, de todo o ano, a fim de que a irmandade receba o alimento espiritual de que necessita. Deve fazer planos para que em todas as igrejas e grupos seja celebrada a Ceia do Senhor uma vez por trimestre.

Deve fazer planos para que todos os irmãos sejam visitados periodicamente em casa. Os enfermos devem ser visitados e atendidos os desanimados. Essas visitas devem ser feitas por êle ou pelos anciãos, diáconos, diaconisas e demais oficiais da igreja, de conformidade com um plano bem traçado.

Deve zelar para que os oficiais vivam em harmonia com as normas da igreja. Deve buscar com amor as ovelhas desgarradas, mas ao mesmo tempo tem que cuidar de que sejam tomadas as medidas atinentes aos membros que persistem no pecado. Não há coisa que maior dano cause à igreja que o tolerarem-se meses e anos a infidelidade e a transgressão ostensiva aos mandamentos de Deus.

Deve prestar atenção especial ao desenvolvimento espiritual dos jovens e crianças, a fim de que se não desviem, mas a seu tempo cheguem a ser membros da igreja. Por obra pessoal e coletiva, deve trabalhar pela conversão de todos.

Como meio de promover a conversão e o crescimento espiritual dos jovens e crianças,



deve interessar-se em que todos gozem os benefícios da instrução cristã, estimulando a criação de escolas primárias adventistas e animando os jovens para que freqüentem os nossos colégios.

Por meio de contato pessoal ou por informação que obterá dos anciãos e demais oficiais, o chefe distrital deve conhecer a condição espiritual de todos os membros, pois somente assim poderá prestar auxílio onde mais necessitado fôr e em devido tempo.

#### 4. O Chefe Distrital e as Atividades Religiosas e Missionárias das Igrejas e Grupos.

Não somente deve o chefe distrital atender aos trabalhos administrativos e preocupar-se com o bem-estar espiritual de suas igrejas e grupos, mas também interessar-se em que toda a irmandade participe dum plano de atividades religiosas e missionárias. Segundo plano celeste, cada filho de Deus deve trabalhar pela salvação de outros. Cada um tem, na Terra, um lugar designado onde lhe toca servir.

Compete, pois, ao chefe distrital, organizar e harmonizar as atividades dos vários departamentos em todas as igrejas. Deve assegurar-se de que cada uma delas tenha em funcionamento uma campanha positiva e permanente para a conquista de almas.

Deve, portanto, organizar as escolas sabatinas para que organizem filiais; as sociedades dos missionários voluntários, para que sejam verdadeiros missionários; fomentar a pregação leiga; conseguir que todas as igrejas e grupos tomem parte ativa em todas as campanhas missionárias; tomar medidas para que todos recebam instrução apropriada de como utilizar as publicações, dar estudos bíblicos e, enfim, fazer trabalho mais eficaz na conquista de almas.

Para o que ficou dito possa chegar a ser realidade, deve ver que todas as igrejas e grupos escolham diretores missionários capazes e entusiastas, que possam guiar a irmandade no trabalho missionário.

Diz a serva do Senhor que a obra nunca poderá ser terminada pelos obreiros exclusivamente, e não será terminada sem que a maior parte da irmandade cumpra o seu dever. Assim sendo, constitui responsabilidade do diretor distrital idear maneiras e meios para que as forças leigas das nossas igrejas sejam devidamente aproveitadas.

#### 6. O Chefe Distrital e a Evangelização do seu Território.

Se bem que o diretor distrital tenha que velar pela boa marcha e boa condição espiritual das igrejas e grupos de seu território, não deve ele pensar que com isso finde a sua responsabilidade. Tem que cuidar de que a atenção dos membros lhe absorva todo o tempo. Deve ter sempre presente que o seu grande objetivo é a evangelização de todo o território.

Todos os bairros da cidade em que trabalha, todo povoado e cada aldeia do distrito tem que receber a mensagem de salvação. É dever do chefe distrital fazer planos adequados para que haja progresso contínuo nesse sentido.

Enquanto atende ao trabalho em geral, cada

ano deve empreender esforços de evangelização nalgum lugar novo até criar um novo grupo de crentes. Uma vez estabilizada ali a obra, deve concentrar esforços noutra lugar, até cobrir, pouco a pouco, o território todo. Compreende-se que não poderá realizar por si só esse trabalho. Tem que ser secundado, às vezes, por auxílio que possa receber da Associação ou Missão, e sempre por irmãos leigos que sejam acessíveis.

#### O Trabalho dum Chefe Distrital Contém uma Responsabilidade Solene

O que temos apontado é apenas uma síntese muito breve do trabalho dum chefe distrital. Não obstante, é suficiente para que nos demos conta de que se trata de um cargo de muita responsabilidade. O diretor distrital tem que ser pessoa múltipla. Tem que ser administrador, pastor, organizador, homem departamental e evangelista. Tem que ser homem ativo, entusiasta e incansável. Tem que ocupar-se de muitas coisas, sem que se perca em minúcias.

Nunca teremos meios suficientes para fornecer a cada igreja um pastor e pôr em cada cidade e povoado um evangelista. O plano de ter bons diretores distritais de visão e capacidade organizadora, e utilizar as forças leigas, será a solução de muitos problemas.

O trabalho dum chefe distrital contém responsabilidade solene. Como o apóstolo Paulo, podemos dizer: "Para estas coisas, quem é idôneo?" O próprio Senhor, que falou a Paulo, também se dirige a nós, dizendo: "A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza".

"Sede pacientes, soldados cristãos. Ainda um pouco, e Aquêle que há de vir, virá. A noite de fatigante esperar, de vigia e tristeza, está quase passada. Em breve será dada a recompensa; o dia eterno há de raiar. Não há tempo agora para dormir—para se desperdiçar em inúteis lamentos. Aquêle que se arrisca a cochilar agora, perderá preciosas oportunidades de fazer bem. É-nos assegurado o bendito privilégio de ajuntar molhos na grande colheita; e cada alma salva será mais uma estrêla na coroa de Jesus, nosso adorável Redentor. Quem está ansioso por depor a armadura, quando, continuando um pouco mais a batalha, conquistará novas vitórias, e ganhará novos troféus para a eternidade?"—*Serviço Cristão*, pág. 138.

#### "Sem Mim, Nada Podeis Fazer"

"PODEIS sentir a imperfeição do vosso caráter e a insignificância das vossas capacidades, em comparação com a grandeza da obra. Mas ainda que tivésseis a maior inteligência já dada ao homem, não seria suficiente para a vossa obra. "Sem Mim nada podeis fazer" (S. João 15:5), diz nosso Senhor e Salvador. O resultado de tudo o que fazemos nas mãos de Deus está. Suceda o que suceder, deponde nEle uma confiança firme e perseverante."—*A Ciência do Bom Viver*, pág. 459.



# ESTUDOS BÍBLICOS

## O Preparo e a Apresentação dum Estudo Bíblico

Sra. R. I. KEATE

Instrutora Bíblica Aposentada, Madison, Tennessee

**Nota da Redação.** — Convém, de quando em quando, examinar os planos e métodos dos instrutores bíblicos que deram contribuição apreciável para a obra. Um artigo valioso dos "primeiros dias" me chamou a atenção, e por ser bem definido e oportuno, partilhamo-lo com os nossos obreiros. É um conselho acertado em tempo em que corremos o perigo de perder a perícia na obra bíblica, que noutro tempo caracterizou a nossa mensagem. — L. C. K.

**P**ARA dar um estudo com êxito, é em primeiro lugar necessário ter um esboço definido. Este poderá estar escrito ou confiado à memória. Uma vez escolhido o assunto a ser apresentado, convém fazer uma conferência completa de todos os passos referentes ao assunto, escolhendo para o esboço os que com maior clareza exponham os pontos da verdade a ser apresentada. A quantidade de versículos necessária para completar o esboço, variará, naturalmente, de conformidade com o assunto e o método do ensino, mas em geral são necessários dez a dezesseis versículos. O ponto principal a ser observado na feitura dum esboço é a ordem coerente dos versículos, de maneira tal que um aspecto da verdade se encadeie com outro em ordem lógica. Cada texto deve expor o ponto tratado com clareza tal que não haja dúvida alguma quanto à sua significação.

O passo introdutório é muito importante. Deve êle dar ênfase ao assunto que esteja sendo tratado. Por exemplo, no esboço sobre a "Segunda Vinda de Jesus", usar-se-á para primeiro passo S. João 14:1-3: "Virei outra vez", ou Heb. 9:28: "Aparecerá segunda vez... aos que O esperam para salvação". Com ponto de partida nessas declarações definidas, prossegui no esboço, apresentando como e quando se dará a segunda vinda de Jesus, de maneira tal que os textos tenham seqüência lógica e formem uma apresentação completa do assunto.

### Cavar Fundo e Preparar Bem

O preparo para dar um estudo bíblico não somente compreende estudo suficiente para produzir um esboço satisfatório, mas também estudo extensivo e informação geral. Devemos estar preparados para fornecer mais informação do que pretendemos apresentar em relação com o estudo. É o suprimento de reserva de conhecimento sobre qualquer assunto que nos facultará falar com confiança e ênfase convincentes. Notai a seguinte declaração: "Se tomais sobre vós a sagrada responsabilidade de ensinar outros, tendes o dever de ir ao âmago do assunto, que procurais ensinar." — *Test. Sobre a Es-*

*cola Sabatina*, pág. 58. A fim de tornar interessantes os nossos estudos bíblicos, e evitar que nos tornemos rotineiros precisamos estudar continuamente, bem como pôr em nosso ensino variação e individualidade.

Outro elemento essencial de preparo é a escolha da matéria auxiliar apropriada para dar clareza à verdade, tais como cartazes, diagramas e ilustrações. De toda maneira possível devemos buscar apelar tanto à vista como ao ouvido, se quisermos fazer impressão duradoura. Devemos ter certeza, porém, de que compreendemos o nosso cartaz, diagrama ou ilustração e deles podemos fazer uso proveitoso. Nossos acessórios devem ser tais que levemos os pontos da verdade às profundezas da mente; deverão êles servir como pregos em lugar certo, e não simples material interessante para agradar as pessoas.

### Fazer os Alunos Sentirem-se à Vontade

Ao entrarmos por primeira vez numa casa para dar um estudo bíblico, acontece em geral notarmos uma atitude vacilante da parte das pessoas. Não sabem elas qual seja exatamente o nosso propósito, nem o que delas esperamos; e essa circunstância exige muito tato da parte do instrutor bíblico para fazer todos se sentirem perfeitamente à vontade e apresentar o estudo de maneira bem natural.

Em primeiro lugar, buscar-se-á saber quantas Bíblias há disponíveis. Se o estudo é apresentado a uma só pessoa, naturalmente uma única Bíblia é necessária; mas no caso de um grupo de várias pessoas, cada uma delas deverá ler na sua própria Bíblia o texto apresentado, lendo cada uma delas, a seu turno, em voz alta. A menos que este plano seja seguido, perder-se-á o verdadeiro estímulo do estudo bíblico. Visto que requer paciência e tato para auxiliar as pessoas a encontrarem os textos, alguns instrutores bíblicos preferem citar o passo e lerem-no êles próprios. Com esse sistema, porém, o estudo bíblico em realidade fica reduzido a um pequeno sermão ou preleção, e muitos pontos importantes ficam perdidos, ao passo que, se a própria pessoa ler o passo, mais profunda impressão lhe é feita na mente.

### Sistema, Apesar das Variações no Ensino

Deve haver um sistema na apresentação dos textos. A experiência no trato com as mentes não acostumadas ao estudo da Bíblia recomen-



da o plano de anunciar primeiramente o nome do livro em que se encontra o texto, em seguida o capítulo do livro e, por fim, o versículo desse capítulo. Ao darem estudos bíblicos alguns obreiros costumam, antes de citarem o versículo, fazer uma pergunta que será por êle respondida, e outros fazem uma declaração daquilo que o texto irá revelar. Aprecio ambos êsses métodos e uso-os em quase cada estudo que dou. A variação é permissível e, algumas vêzes uma declaração esclarece mais do que uma pergunta. Certificai-vos de que, depois de lido o versículo, o aluno veja nêle a resposta à vossa pergunta, ou reconheça que a vossa declaração foi confirmada.

Não raro acontece que uma pessoa lê um texto bíblico sem perceber claramente a idéia que contém. Tem o instrutor bíblico o dever de, com tacto, rere o versículo e obter do aluno uma declaração que demonstre haver êle compreendido a verdade contida no texto. Não é muito animador o darem-se estudos bíblicos a uma pessoa, semana após semana, sem possuir uma indicação do que pensa a respeito da verdade apresentada. No fim de cada estudo, é bom plano recapitular com poucas palavras os fatos apresentados e conseguir a aprovação do aluno para a verdade contida nêsse estudo.

### Dominar a Situação

Algumas vêzes enfrentamos pessoas que querem falar demais, com o conseqüente perigo de deixarmos de encaminhar o estudo de maneira concatenada e eficaz. Há nisso uma prova de tacto e paciência. O deixar-se pôr de parte por meio de perguntas despropositadas ou de conversas sobre temas gerais, degenera em confusão. Se não retiverdes firmemente as rédeas do assunto, logo vos encontrareis debatendo-vos como um afogado, tacteando ora numa

coisa ora noutra, num esforço desesperado para tomar fé em terreno firme. Ao serem feitas perguntas sem relação direta com o assunto tratado, e que se forem respondidas desviarão o assunto ou o farão fracassar, convém dominar a situação com dizer que em devido tempo os estudos tratarão desse ponto e que, se quem apresenta a pergunta tiver a bondade de esperar até essa oportunidade, o assunto será compreendido com mais facilidade.

Quanto ao tempo requerido para o estudo, bíblico, verificou-se que, em média trinta e cinco a quarenta e cinco minutos são tempo suficiente para a apresentação de qualquer assunto.

Minha experiência me levou à conclusão de que é melhor orar no fim que no começo do estudo. Minhas razões são as seguintes: Coopera para impressionar na mente com a importância do estudo, e faz a lição parecer mais importante e solene, por havermos para ela pedido a bênção divina. Prepara, também, o caminho para sairmos da casa imediatamente em silêncio — sempre o melhor plano a ser seguido. Com umas poucas palavras de despedida e de combinação para o estudo seguinte, deixai o aluno sob a impressão de que tendes um trabalho muito importante para fazer e precisais apressar-vos para atender a outro compromisso.

Convém lembrar que o instrutor bíblico não deverá apresentar um estudo bíblico de assunto em que não tem interesse ou não compreende. Se o assunto é, pelos instrutores experimentados, considerado importante, deverá o instrutor bíblico encher-se de entusiasmo por êle. Traçar um estudo difícil não é a maneira correta de livrar-se dêle; estudaí suficientemente o assunto para dominá-lo. O resultado será que um tal estudo virá a ser uma das nossas melhores apresentações.

---

## Textos Esclarecedores

C. W. IRWIN

**C**OSTUMAVAMOS, em tempos passados, citar Apocalipse 22:14 para provar a observância dos mandamentos como fator de nossa salvação. Reza a Versão Autorizada: "Bem-aventurados aquêles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham poder na árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas". Mas quando versões posteriores foram publicadas, tais como a Revisada, com base em manuscritos mais antigos, ficamos algo surpreendidos ao verificar que não era feita menção alguma aos mandamentos, mas uma bênção era pronunciada para os que "lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro", o que atraía a atenção para a justificação pela fé como fator da salvação.

Nesse sentido é interessante notar alguns fatos referentes a esta nova tradução de Apocalipse 22:14. O original grego que motivou essa

tradução é encontrada nos manuscritos Sinaitico e Alexandrino, que datam do quarto e quinto séculos respectivamente. As várias edições do Testamento grego com base nesse original, são, na língua inglesa, as seguintes:

Alford (1866); Tischendorf (1872); Wescott and Hort (1881); Nestle (1901); Souter (1910); Von Soden (1913); Vogel (1920); e também a edição da Vulgata Latina de Wordsworth and White (1911).

A explicação para essas duas versões no original grego é atribuída à suposição de que, ao copiarem os manuscritos, tenham os escribas cometido um êro de transcrição, pois há apenas seis letras diferentes nos dois textos originais desse passo.

Interessante é notar, também que a tradução inglesa de Wycliffe, de 1830, reza: "Bem-aven-

turados são os que lavam as suas vestes," etc.

Uma confirmação dessa tradução pode ser encontrada no próprio livro do Apocalipse. Apoc. 7:14 reza: "E Ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro". Os escritores do Novo Testamento têm a tendência de dar mais ênfase ao princípio da justiça pela fé do que à justiça pelas obras da lei, do que resultou a tradução: "Bem-aventurados aqueles que lavaram as suas vestiduras",... etc. Isto parece estar mais em conformidade com o espírito do Novo Testamento, e é, sem dúvida, a tradução dum original grego correto.

De maneira nenhuma pode essa versão ser usada como argumento contra a validade e perpetuidade da lei de Deus, concretizada nos dez mandamentos. É simplesmente uma confirmação de que o escritor inspirado, nesse passo, não se referia aos dez mandamentos, mas enunciava um princípio de concerto novo de justiça pela fé. Tanto no Velho como no Novo Testamento a expressão "vestir" refere-se ao caráter. Em Zacarias, os trapos imundos representam a pobreza espiritual, pelo que, a mudança das vestes, ou vestes brancas, é um símbolo da pureza de caráter, atingida apenas por meio da fé na graça salvadora de Jesus Cristo. Dêste ponto de vista, o passo é esclarecedor e belo.

## CAIXA DE PERGUNTAS

O único mandamento que devemos guardar agora é o novo mandamento de Cristo, de amar-nos uns aos outros, pois Ele próprio declarou que devemos guardar os Seus mandamentos, assim como Ele guardou os mandamentos do Seu Pai. E não diz a Bíblia que o amor é o cumprimento da lei?

BEM verdade é que Jesus disse: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros". S. João 13:34. Quererá o impugnador raciocinar, com base nesse passo, que todo outro mandamento foi abolido? O versículo não abona essa conclusão. Jesus não nos disse que guardássemos o Seu mandamento em substituição aos mandamentos do Seu Pai. Se o Filho nos isentasse das leis do Pai, isso equivaleria a uma rebelião e substituição por novas. O propósito de Jesus não foi destruir os grandes ensinamentos e leis morais que haviam sido dadas séculos anteriormente. No Sermão do Monte, declarou Ele: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim abrogar, mas cumprir, porque em verdade vos digo que, até que o Céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido". S. Mat. 5:17 e 18.

Prosseguindo na leitura desse sermão extraordinário, encontramos Cristo a dizer aos ouvintes que eles encaravam os mandamentos do decálogo em sentido muito acanhado. Em lugar de abolir ou sequer restringir os mandamentos do Pai, Jesus os engrandeceu.

Assim, em Seu mandamento dado aos discípulos, concernente ao amor, Jesus quis que encarassem o amor num sentido mais amplo e mais santo do que antes.

Quis que se amassem mutuamente, não como o mundo interpreta o amor — de maneira egoísta e até apenas sentimental. Por Sua vida, Jesus lhes apresentara um exemplo do que realmente é o amor verdadeiro e abnegado, uma espécie de amor que nunca dantes fôra testemunhado na Terra. Nisso foi verdadeiramente novo o Seu mandamento. Impunha-lhes, não somente "amarem-se uns aos outros", mas "Que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei". S. João 15:12.

Mas que dizer de que o amor é o cumprimento

to da lei? O impugnador muita vez amplia o sentido, dizendo que Jesus declarou que tudo quanto nos compete fazer é amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos. Leiamos o que a Bíblia diz nesse sentido:

"E um deles, doutor da lei, interrogou-O para O experimentar, dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento; e o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." S. Mat. 22:35-40.

Jesus não estava com isso apresentando doutrina nova. Ao contrário, respondia a uma pergunta específica: "Qual é o grande mandamento na lei?" Suas palavras são quase uma citação textual do Velho Testamento. (Ver Deut. 6:5; Lev. 19:18.) Noutras palavras, os dois grandes mandamentos de amor a Deus e amor ao próximo pertencem definitivamente aos tempos do Velho Testamento. Ora, se esses dois mandamentos devessem substituir os dez, por que foram dados os dez? Mas os próprios israelitas que ouviram a exortação de amar a Deus e ao próximo, também ouviram o mandamento claro de obedecer aos preceitos do decálogo.

Não, esses dois mandamentos acêrca do amor não substituem outra lei qualquer. Ao contrário, Jesus declarou que "dêstes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." A dificuldade do impugnador é que ele preferia que esses dois mandamentos dependessem deles próprios, e tudo mais fôsse eliminado. Mas isso é contrário ao ensino do próprio Cristo.

Em conformidade com a Bíblia, não nos é possível separar da lei o amor. "Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos, porque esta é a caridade [o amor] de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados."



I S. João 5:2 e 3. Assim fala o Bom Livro. Se realmente amarmos o nosso próximo, não furtaremos o que lhe pertence, não mentiremos a seu respeito, nem o mataremos. Em verdade, não faremos coisa alguma proibida pelos mandamentos de Deus. E se verdadeiramente amamos a Deus, não adoraremos deuses falsos, nem tomaremos o nome de Deus em vão, ou usaremos para o nosso próprio proveito o Seu santo dia de sábado. Noutras palavras, se amamos a Deus e ao próximo, não quebraremos

voluntariamente qualquer dos dez mandamentos. Assim o cumprimento da lei é o amor. Em vez de o amor ser um substitutivo da lei, é ele a única força que promove a verdadeira obediência aos mandamentos de Deus. Advertite-nos a Bíblia contra os que dizem que conhecem a Deus e O amam, mas recusam guardar os Seus mandamentos. (Ver I S. João 2:4). Esse amor é impostor.

F. D. NICHOL

Redator de Review and Herald



# NOTAS E NOTÍCIAS

## Resoluções que Interessam o Ministério

PUBLICAMOS, a seguir, três importantes resoluções tomadas pela última comissão plenária da Divisão Sul-Americana. Interessam elas de perto cada ministro de Deus, já que estão relacionadas com o bem-estar espiritual do povo do Senhor, sobre que nos pôs por pastôres, para que o apascentemos nos pastos sempre verdes da Palavra de Deus, com o fim de tê-lo bem alimentado para que se mantenha fiel até o dia em que o Pastor dos pastôres leve o Seu rebanho para as pradarias eternas.

Com o fito de reduzir a apostasia ao mínimo possível, pedimos a cada ministro que leia as resoluções seguintes, com espírito de oração e amor intenso às almas confiadas ao seu cuidado, e logo ponha mãos à obra para levá-las à prática em sua esfera de ação, sob a direção do Espírito Santo. Oxalá o Senhor recompense o esforço de cada um de Seus ministros fiéis! — W. S.

## Alimentar e Conservar o Rebanho

CONSIDERANDO que um plano para reaver os ex-membros só pode alcançar êxito quando os ministros e líderes da igreja derem mais atenção à alimentação de nossas congregações com a espiritual e vivificadora Palavra de Deus, que é a única que os pode fortalecer e conservar jubilosos no amor de Deus; e

Considerando que o conselho do Espírito de profecia para os ministros é: "Parta êle... o pão da vida para essas almas famintas. Nunca deve pregar um sermão que não ajude os ouvintes a ver mais claramente o que têm de fazer para salvar-se... Contai a história de Sua vida de abnegação e sacrifício, Sua humilhação e morte, ressurreição e ascensão, Sua intercessão pelos pecadores nas côrtes do Alto. Há em tôdas as congregações almas sobre quem o Espírito do Senhor Se está movendo; ajudai-as a compreender o que é a verdade; reparti com elas o pão da vida; chamai sua atenção para as questões vitais".—*Obreiros Evangélicos*, págs. 149 e 150. "O povo precisa de pastos verdes, completamente joierados da escória. 'Prega a Palavra', foi a recomendação de Paulo

a Timóteo, que é, também, a nossa".—*Test. to Ministers*, pág. 318.

VOTADO, 1. Que o nosso ministério sempre mantenha perante si a importância primária de centralizar o nosso culto público na sagrada Palavra de Deus, guardando-se da usurpação do tempo destinado para êsse fim, e empenhando-se em executar em tôdas as nossas igrejas, o ano inteiro, o plano de pregação e ensino salvadores de almas, centralizados em Cristo.

2. Que todos os ministros, obreiros e anciãos de igrejas que ocuparem o púlpito no dia de sábado se atenham a êste plano, e que quando forem promovidas campanhas e celebrados dias especiais designados pela denominação, seja tomado todo o cuidado para promovê-los com base espiritual e com a dignidade que brota da verdadeira devoção (*Testimonies*, Vol. IV, pág. 100.) Qualquer plano que vise a reaver ex-membros, qualquer campanha que atraia novos membros para a igreja, deve ser amparada com a segurança de que a escola sabatina, a hora do culto matinal, a reunião de orações e tôdas as demais reuniões públicas hão de ser tão espiritualmente inspiradoras e devocionalmente satisfatórias que essas pessoas desejem voltar. 3. Que o pastor dê mais atenção às visitas ao lar de todos os nossos membros, insistindo no uso dos anciãos da igreja e dos membros leigos mais bem indicados, os quais devem ser organizados em grupos de Contato e Vigilância, sob a direção do ministro local, que os instruirá nos princípios da visitação e contato pessoal.

## Reaver os Ex-Membros da Igreja

CONSIDERANDO que há centenas de ex-adventistas do sétimo dia que residem ao alcance de nossas igrejas e não mais se congregam conosco; e

Considerando que nos foi dito que quando "forem feitos esforços abnegados para salvar os perdidos, ... muitos que andavam estraviados do redil voltarão a seguir o grande Pastor" (*Testimonies*, Vol. VI, pág. 401); e

Considerando que os ex-irmãos e irmãs, sem dúvida alguma, são um dos nossos maiores e

frutíferos campos de evangelismo, se dêles nos aproximarmos com tato e com o terno amor e o poder salvador de Cristo como motivo impelente;

Votado, 1. Que cada comissão de Associação estude atentamente o problema e faça planos para atingir essas almas e as recupere para a comunhão ampla da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para a execução destes planos apresentamos as seguintes sugestões:

a) Conseguir os nomes de ex-adventistas por meio de oficiais da igreja, parentes, membros da igreja, etc., que com eles mantenham contato, e com eles organizem um fichário, anotando em cada ficha as informações respectivas.

b) Na organização das igrejas para a visitação desses ex-membros, deve ser exercido grande cuidado na escolha criteriosa de pessoas que tenham no coração muito do amor de Cristo para se aproximarem dessas almas com espírito de amor e simpatia, e não com críticas dos fracassos passados.

c) Esses esforços deverão ser feitos como um empreendimento organizado, sossegado de todo o ano, sob a direção do pastor ou líder distrital, e não em forma de campanha ou por meio de anúncios públicos.

d) Animar as igrejas a, no culto familiar, e nas reuniões de oração, orar continuamente pelos ex-membros, de maneira que inculquem em todos os membros a responsabilidade pessoal de trabalharem em prol dessas pessoas.

e) Em tempo apropriado do ano realizar reuniões especiais de reavivamento para todos os membros da igreja e convidar para a elas assistir os ex-membros. Nessas ocasiões far-se-ão pregações veementes de salvação de almas bem como orações ardentes que atinjam o coração de todos.

f) Animar a Escola Sabatina a apresentar programas animadores e convidar para a eles assistir, os seus ex-membros.

g) Sempre que qualquer desses ex-membros atender aos apelos e voltar a assistir qualquer dos cultos da igreja, deve fazer-se com que se sintam especialmente bem-vindos. Sua apostasia nunca deverá ser mencionada, mas tanto o pastor como os leigos deverão manifestar-lhes espírito de amor e camaradagem de forma a que desejem voltar e reaver o seu primeiro amor.

h) Custeadas pelo fundo missionário da igreja, sejam-lhes remetidas, pelo período de três meses, a Revista Adventista, em português, e ou a Revista Adventista e Juventud, em espanhol.

i) Este importante ministério deverá, nas reuniões de obreiros, ser incentivado por meio de experiências dos que tenham alcançado êxito nesse trabalho de reaver os ex-membros.

2. Que se peça à Associação Ministerial para preparar uma série de artigos em El Ministério Adventista e O Ministério Adventista, em que aparecerão mais amplas sugestões pormenorizadas de como este plano poderá ser empreendido pelos nossos ministros.

## Livros do Espírito de Profecia

CONSIDERANDO que a próxima crise relacionada com os acontecimentos finais do mundo exige discernimento claro do tempo em que vivemos; abundante e frutífera experiência espiritual; as mais elevadas normas de procedimento cristão; e uma sincera e integral preparação para o encontro com o Senhor; e

Considerando que os conselhos do Espírito de profecia nos foram concedidos para realizarmos êsses objetivos, guiar e preservar a igreja para a vitória triunfante; e

Considerando que “as instruções concedidas nos dias primitivos da mensagem devem ser mantidas como instruções seguras para serem seguidas nestes dias finais” (*Sra. E. G. White, em Review and Herald, de 18 de julho de 1907*); e

Considerando que os livros do Espírito de profecia “contêm instruções que atendem ao caso de todos” (*Sra. E. G. White, em Review and Herald, de 26 de dezembro de 1882*), e, não obstante, há entre nós muitos que “pouco ou nada sabem do que êsses livros contêm, e com essa negligência muito perdem”. (*Ibidem*);

Votado, 1. Que em nosso ministério nas igrejas e em reuniões gerais, chamemos novamente a atenção dos membros da nossa igreja para a oportunidade e auxílio dos conselhos do Espírito de profecia bem como o lugar vital que êles deverão ocupar em nossa vida e trabalho.

2. Que insistamos com todos para que, com meditação e oração, estudem êsses conselhos de origem celestial, e apliquem à vida os seus princípios diretivos.

3. Que os membros das nossas igrejas em toda a Divisão Sul-Americana sejam instados a adquirir os livros do Espírito de profecia já editados em português e espanhol. Desejamos salientar, especialmente, de *Testemunhos Seletos, O Desejado de Todas as Nações, Mensagens aos Jovens e Serviço Cristão*.

4. Fazerem-se planos para que os membros da igreja possam adquirir os livros do Espírito de profecia pelo sistema de prestações, mediante pagamentos semanais ou mensais, e que os livros sejam entregues ao comprador somente por ocasião do pagamento da última prestação.



## O Rabino

Na lei judaica, o rabino equivale ao pastor protestante. Ainda no tempo de Jesus Cristo, êste título só era empregado em sinal de cortesia e respeito. Ultimamente, porém, essa autoridade em assuntos religiosos passou para as mãos dos letrados, e o título de rabino restringiu sua significação oficial, aplicando-se quase estritamente às pessoas autorizadas para resolver questões legais e de ritos.





# Uma Visita ao Papa

HENRIQUE F. BROWN

CONQUANTO eu não fôsse peregrino na geral acepção católica, acompanhei bandos de peregrinos à grande basílica de S. Pedro, pela porta "santa" até ao altar mor. Isto fiz repetidamente, no intuito de observar a fisionomia d'esses crentes sedentos da bênção papal. Trens especiais despejavam sua carga de fiéis camponeses vindos da Alemanha, Austria e de tôdas as partes da Itália. Ônibus repletos vinham dos lugares mais próximos. Os católicos mais abastados, chegavam via aérea, pois estava prestes a terminar o "ano santo".

Roma foi remodelada em seu aspecto para essa ocasião. A velha estação, bombardeada durante a guerra, foi substituída por edificio ultramoderno que faz vergonha às melhores estações da América. Do outro lado da praça em que se encontra essa estação, acham-se os Balneários de Diocleciano, construídos por êsse imperador há muitos séculos. Roma é um misto de antigo e moderno.

É chocante a depreciação do dinheiro italiano. Uma década atrás, pagavam-se cinco liras por uma boa refeição que custa hoje 500 ou 600 liras.

Dizem-nos que há 600 igrejas em Roma. Não estando dispostos a contá-las, aceitamos êsse número. Requer-se do peregrino que visite apenas sete dessas igrejas a fim de alcançar as cobiçadas indulgências. Penetramos na grande S. Pedro, e ficamos possuídos de admiração ante a sua vastidão, belas esculturas e pinturas. Entramos no relicário — mediante pagamento, é claro, pois tudo em Roma tem seu preço. Calculamos que, dos dois milhões, aproximadamente, que ali foram êsse ano, pagando em

média \$10, vasta foi a soma que passou para outras mãos e ficou à disposição do papa.

Fomos à gruta que há sob a basílica de S. Pedro, belamente modernizada e cheia dos sepulcros dos papas, e percebemos que a enorme estrutura em cima foi construída sobre ossos e relíquias de mortos. Isto faz uma pessoa estremecer!

Há em Roma abundância de relíquias. Vêm-se as cadeias que ligaram Pedro (ou Cristo?), em "Sam Pietro", em Vincoli, as santas escadas e vários artigos de vestuário de Maria, bem como dos apóstolos e mártires. Ali está o que se diz ser um pedaço da verdadeira cruz, e inúmeras relíquias para fomentar a fé entre os prosélitos supersticiosos. Vemos em S. Pedro as multidões beijarem os pés da estátua de Júpiter, agora chamada S. Pedro. Assim é êle suavemente beijado através de séculos pelos lábios dos devotos. A *scala santa*, escada que dizem ser aquela por que Jesus subiu à sala de audiência de Pilatos, acha-se continuamente apinhada de peregrinos reverentes.

Em cada basílica, tôda exposição e esquina, acham-se os pregoeiros de rosários, postais e relíquias. Esse negócio, só por si, foi enorme êsse ano em Roma. O correio do Vaticano despachou muitas toneladas de cartões postais e cartas com o selo próprio.

Visitámos o Santo Ofício da Inquisição, atrás da colunata. Sua aparência é bastante inocente, mas arrepia-se-nos a carne ao pensar na terrível história de corpos humanos contorcidos e em chamas, nos suspiros, gemidos e brados dos milhões que êle levou à morte pelo crime de pensarem.

O passeio ao redor da Cidade do Vaticano, é feito folgadoamente dentro de meia hora. O poder temporal do papa contenta-se com um território menor do que o de milhões de fazendeiros e sítiantes. No interior, há um belo jardim, em grande parte ocupado pelos antigos edificios do Vaticano, os quais dizem conter mais de 1.000 aposentos. A visita ao museu do Vaticano é, naturalmente, uma verdadeira história.

Queremos, porém, ver o próprio papa, de modo que seguimos uma multidão de peregrinos — talvez uns cem. Formam fila ao lado do ônibus, e seguem um sacerdote. Um homem leva uma cruz; dois outros, grandes velas, e cantam todos o mesmo cântico monótono que temos ouvido uma centena de vêzes. Detêm-se diante do altar mor, repetem seus "Padres Nossos" e "Aves Maria", por determinado número de vêzes e tomam seus lugares a fim de esperar o aparecimento do papa. Chegámos cedo a fim de tomar um bom lugar, mas o mesmo fizeram 20.000 outros, e são escassos os bons lugares. Procurando forçar brandamente a passagem, conseguimos abrir caminho até a uns seis metros da entrada. Segue-se então um longo tempo de espera, enquanto os padres vão cantando e orando em quatro línguas suces-

## BIBLIOGRAFIA

(Continuação da página 9)

- (25) Albright, "The Smaller Beth-shan Stele of Sethos I", *Bulletin* 125 (Fevereiro de 1952), pág. 32.
- (26) Ver a tradução de Wilson desta inscrição quebrada, em *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 251.
- (27) Grondon, *Ugaritic Literature* (Roma, 1949), pág. 59.
- (28) Traduções de todos os textos mitológicos do Ugarit estão contidos na *Ugaritic Literature*, de Gordon (Roma, 1949). O melhor estudo dos textos, encontra-se em *Archaeology and the Religion of Israel*, de Albright (Baltimore, 1946), págs. 84-94.
- (29) Gordon, "Biblical Customs and the Nuzu Tablets", *The Biblical Archaeologist*, 3 (1940), págs. 1-12; E. A. Speiser, "Ethnic Movements in the Near East in the Second Millennium B. C.", *Annual of the American Schools of Oriental Research* (Nova Haven, 1939), Vol. XIII, págs. 13-54.
- (30) Albright, "Some Important Recent Discoveries: Alphabetic Origins and the Idrimi Statue", *Bulletin* 118 (Abril de 1950), págs. 14-20.
- (31) Declara a Sra. E. G. White que "durante quinze longos séculos, o cordeiro pascal havia sido morto" quando Cristo morreu como o "Cordeiro de Deus" (*O Conflito dos Séculos*, pág. 399), e a obra da revelação inspirada prosseguiu durante "dezesseis séculos", desde o historiador Moisés até ao revelador João (*O Conflito dos Séculos*, pág. 7). Outras declarações perfeitamente enquadadas neste esquema cronológico são encontradas em *Patriarchs and Profetas*, págs. 219, 221, 564, 697-699, 785-787; *Patriarchs and Prophets*, págs. 229 e 230; *O Conflito dos Séculos*, pág. 23.

sivas, por meio de alto-falantes. Finalmente, ao meio-dia em ponto abrem-se as cortinas vermelhas, e começa a procissão.

Primeiro entram soldados da guarda, com rifles — uns 50 — depois os oficiais do papa. Então, trazido por doze homens aos ombros, aparece enorme cadeira em que se assenta o papa. Traz um barrete branco, e brancas são as roupas que traja. Percebemos breve fulgor no diamante de seu crucifixo. Vinte mil pessoas Aclamam: “Viva il Papa!” Ele se põe a saudar o povo alegremente para todos os lados, e dispensa bênçãos com grande liberalidade. É conduzido em toda a extensão da grande igreja até ao altar, descendo da cadeira aí, para o trono vermelho, pôsto numa plataforma, acima do nível da cabeça do povo.

O público delira de entusiasmo. Excitam-se e erguem os filhos para verem o rosto do papa. Ao olhar uma pessoa em torno, às faces radiantes, cogita se esses crentes compreendem a diferença entre *latría* e *dúlia* — uma, a devoção permitida às coisas santas, e a outra, a devoção devida unicamente a Deus. Tememos que a devoção que lhe consagram sejam do tipo que só se deve render ao Senhor!

De manso, deixamos nosso lugar perto da entrada, e procuramos aproximar-nos o mais possível do papa. Chegamos a apenas poucos passos dele, e ouvimos-lhe o discurso, primeiro proferido em italiano, depois em alemão, francês, inglês e espanhol. Das cinco línguas, o inglês é a menos bem falada. Ele é homem idoso, mas tem grande potência de voz e de gestos. Chama os grupos presentes, que respondem com energia: “Presente”. Observámos que um grupo do exército e armada americanos, respondem em tom mais alto que os demais. A medida que os grupos respondem, ele, com naturalidade e graça, faz um gesto com ambas as mãos e a cabeça, em direção a eles. Ele se põe de pé para dar a bênção apostólica. Acha-se ladeado de dois prelados vestidos de vermelho e dois de preto. Após a bênção, desce da plataforma, e passa uma meia hora a cumprimentar os que lhe ficam mais perto. Estes lhe beijam o anel. É atencioso para com as crianças, das quais há quantidade. Um grupo de camponeses obtém permissão para oferecer-lhe um bonito pacote contendo seis garrafas de vinho. Ele lhes fala por momentos, e vemos o brilho dos olhos deles enquanto falam com o chefe de sua igreja.

Ao subir ele novamente para a sua cadeira, a fim de ser conduzido por doze homens vestidos de vermelho, as crianças choram, e as senhoras pedem que as não pisoteiem. O papa é levado, distribuindo saudações ao redor. Quando está prestes a transpor a cortina, ergue-se, e dá uma vez mais a bênção apostólica. A vasta multidão despeja-se para a praça de S. Pedro, havendo visto um homem que, para a maioria deles, ocupa o lugar de Deus. Isto representa o ponto culminante em sua existência — a mais estranha emoção de sua vida.

Ficamos a cogitar no que passaria pela mente do ancião, enquanto as turbas delirantes lhe rendiam tão grandes honras. Uma vez outrora, a multidão exclamou: “Voz de Deus e não de

homem” (Atos 12:22), mas o Senhor manifestou de maneira terrível Seu desagrado.

Quão frisante é a dessemelhança entre o Senhor do Céu e Seu pretense representante em Roma! Jesus foi humilde pregador itinerante, mas esse cavalheiro penetra na igreja sobre os ombros de doze homens. Toda a pompa, ostentação, luzes, cerimonial, toda a riqueza imaginável, são empregados para exaltar a grandeza de uma instituição que, em todos os sentidos, é o oposto da simplicidade da igreja dos evangelhos e do livro dos Atos.

O mais importante momento do Ano Santo foi, naturalmente, o anúncio feito pelo papa, ex-catedra — da cadeira de S. Pedro — de que Maria subira ao Céu corporeamente. Isto ocorreu em 1º. de novembro, um mês antes de nossa chegada. Em folheto distribuído a todos os peregrinos, declara-se ser este dogma “tanto imutável quanto infalível”. Não obstante, não se encontrar no Novo Testamento a mínima referência à morte de Maria, ou às circunstâncias de sua vida depois do Pentecostes, lê-se, nele: “A assunção de Maria já fazia parte das revelações feitas aos apóstolos, por eles passadas à igreja de Jesus Cristo e, pela igreja, conservadas e mantidas inalteradas. . . . A santíssima Virgem Maria vive no Céu em corpo e alma. . . . No caso da alma dos justos, a glorificação do corpo terá lugar no fim do tempo; no caso de Maria, já ocorreu”.

Fica-se maravilhado de que ensinamentos tão antibíblicos e destituídos de senso devam ser abraçados por milhões de católicos, sob pena de perda da salvação. Não deve ocorrer a alguns que Maria, com corpo no Céu, deva parecer estranha aos incontáveis milhões de espíritos desencarnados? — *The Converted Catholic*, janº. de 1953.



### SIMPLICIDADE

“NADA é mais simples do que a grandeza; em verdade, ser simples é ser grande”, declarou Emerson. Essa espécie de grandeza é que o cristão precisa praticar. Ninguém quer retroceder no relógio da História, mas devemos compreender que é alto tempo de retornarmos a algumas das grandes simplicidades da fé — simplicidade da vida diária, simplicidade da educação, simplicidade das necessidades, simplicidade da confiança. Esse é o único caminho que conduz à grandeza.

Aterraram-se os judeus, não com a complexidade da mensagem do Mestre, nem com os métodos sensacionais que usou para atrair a atenção, mas com a simplicidade extrema de todo o Seu plano. No conceito deles Ele era um fracassado. Não admira que houvesse insistido na simplicidade como uma necessidade da fé. “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos Céus”.

4831